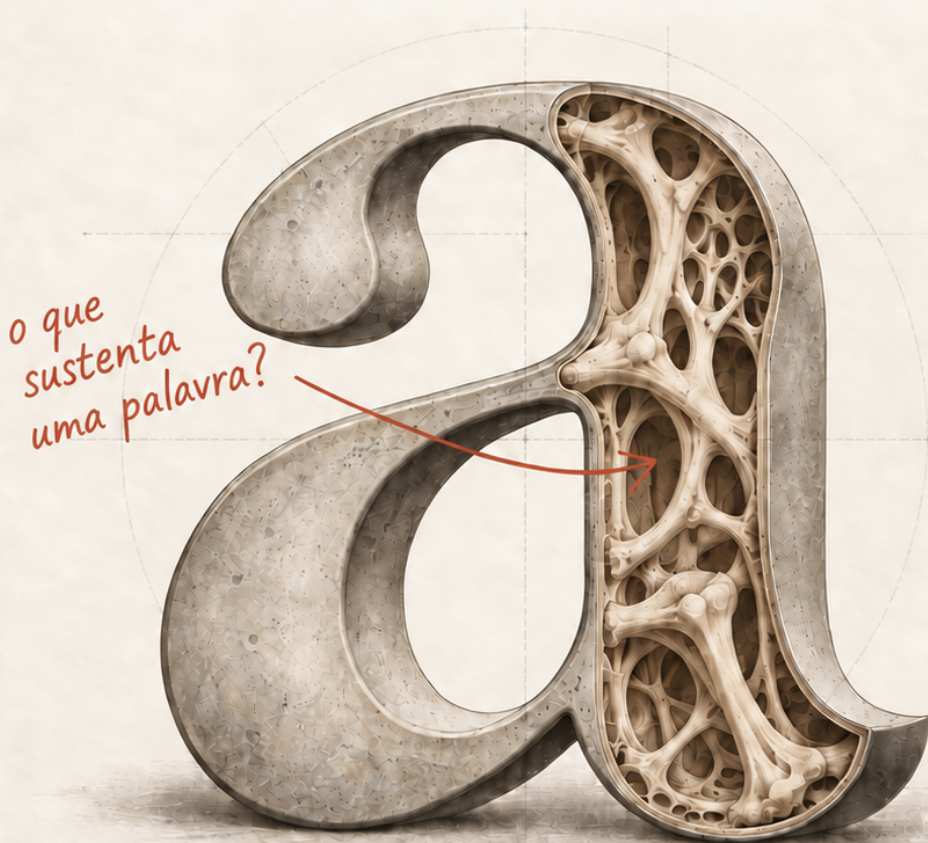


As palavras têm ossos

*Como olhar sua língua por dentro
e aprender idiomas reconhecendo-os*



Alejandro Toledo Martínez

2026

MANUAL BÁSICO DE ENDOLINGÜÍSTICA

As palavras têm ossos

*Como olhar sua língua por dentro
e aprender idiomas reconhecendo-os*

$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$

Alejandro Toledo Martínez

2026

As palavras têm ossos. Manual básico de endolinguística.

© 2026 Alejandro Toledo Martínez.

A endolinguística foi fundada pela Dra. Christiane S. Meulemans e pelo Dr. José Ángel Elías Fernández y Cuevas. As classes OAS, a psicofonologia e a metafísica cuálica são contribuições de Alejandro Toledo Martínez dentro dessa tradição.

Para saber mais: www.endolinguistics.science

Os livros da série: www.independentbooks.site

As etimologias e os códigos citados foram conferidos no corpus integrativo do programa de pesquisa. As porcentagens de vocabulário compartilhado vêm da base de dados IE-CoR. Adaptado do original espanhol, *Las palabras tienen hueso*.

Sumário

Antes de começar	v
I Olhar por dentro	1
1 Suas palavras são muito velhas	2
2 O osso e a carne	9
3 Sete regiões da boca	17
4 O código	25
II Usá-lo para aprender idiomas	35
5 Parentes de viagem	36
6 As regras da viagem	46
7 Mapas de bolso	57
8 O método, passo a passo	65
9 Quando não há parentes	75

III	A música da voz	83
10	Osso, cor e música	84
11	Do pensamento ao som	93
IV	Pensar com cuidado	99
12	A miragem	100
13	O que ainda não sabemos	110
	Encerramento	117
	Ao leitor	117
	Anexos	119
	Anexo A. Tabela rápida	119
	Anexo B. Soluções	123
	Anexo C. Glossário	129
	Anexo D. Para continuar	134

Antes de começar

Este manual nasceu de uma pergunta que já me fizeram muitas vezes, quase sempre pessoas jovens, quase sempre com certa desconfiança: *e essa tal de endolinguística, serve para quê?* A pergunta é boa. Eu a faço minha. E a resposta curta é esta: serve para olhar as palavras por dentro. E quem aprende a olhá-las assim deixa de aprender idiomas como quem carrega pedras, uma de cada vez. Começa a re-conhecer idiomas.

A resposta longa é o resto do livro.

De onde vem o que você vai ler

Não fui eu que inventei a endolinguística. Ela foi fundada pela Dra. Christiane S. Meulemans e pelo Dr. José Ángel Elias Fernández y Cuevas, em meados do século XX. O Dr. Elias, aos 31 anos, falava mais de vinte línguas e tinha estudado matemática pura, música e criptologia. Mais tarde, já médicos, os dois retomaram uma intuição anterior, a do neurologista belga Joseph Meulemans, que suspeitou que o hemisfério direito do cérebro faz com a linguagem coisas que a ciência de sua época não sabia enxergar. Fui aluno direto dos dois. O que faço desde então é pesquisar, ordenar e pôr por escrito o que aprendi, e acrescentar algumas peças próprias.

É bom que você saiba desde já quais peças são minhas, para não atribuí-las a quem não deve. As **sete famílias de sons** com que você

vai trabalhar a partir do capítulo 3 — as classes OAS — são uma proposta minha, assim como a maneira de escrevê-las com símbolos gregos. Também são minhas a psicofonologia, de que vamos falar na Parte III, e a metafísica cuálica tal como eu a entendo, que aparece no final. O que há de sólido em tudo isso eu devo aos meus mestres. Os erros que você encontrar são meus.

E há uma dívida maior que todas: a dívida com a **linguística histórica**, a ciência que há quase duzentos anos reconstrói, elo por elo, a viagem das palavras. Sem o trabalho dela, não haveria nada para contar aqui. A endolingüística não compete com ela. Pega o que ela descobriu e transforma em algo que você pode descobrir por conta própria.

Para quem é este manual

Para você, se uma destas três coisas acontece com você:

1. Você está aprendendo um idioma — inglês, quase com certeza; talvez espanhol, francês, italiano ou alemão — e sente que decora listas que esquece no dia seguinte.
2. Você gosta de enigmas, de códigos secretos, de padrões escondidos, e nunca pensou que a sua própria língua estivesse cheia deles.
3. Você se interessa por como a mente funciona: por que uma palavra soa dura e outra suave, por que um “não” pode ser uma porta que se fecha ou uma súplica.

Você não precisa saber linguística, nem latim, nem nada que já não saiba. Precisa falar português, coisa que você faz desde bebê, e ter

vontade de olhar com cuidado. E talvez reaprender coisas que você achava que já sabia.

O que este manual é e o que não é

É um **manual prático**. Tem explicações, exemplos, exercícios e desafios. Foi pensado para ser lido com um lápis na mão e, de vez em quando, em voz alta.

Não é um livro didático de linguística. Quando eu precisar de um termo técnico, vou explicá-lo. E quando a linguística disser algo com mais precisão do que cabe aqui, vou avisar.

Também não é um livro de truques de magia. Desde o primeiro capítulo você vai encontrar avisos. Alguns vão parecer estraga-prazeres. Estão aí porque a ferramenta que você vai aprender é poderosa, e tudo o que é poderoso pode ser mal usado. A mesma capacidade que vai deixar você ver que *pai* e o inglês *father* são a mesma palavra pode levar você a acreditar que *muito* e o inglês *much* também são. (Não são. Você vai ver no capítulo 12, e vai se surpreender.)

Como ele é feito

O manual tem quatro partes.

- **Parte I. Olhar por dentro.** Você aprende a tirar o esqueleto de uma palavra, a reconhecer as sete famílias de sons e a ler um código.
- **Parte II. Usá-lo para aprender idiomas.** Você aprende a distinguir parentes verdadeiros de semelhanças enganosas, as regras com que as palavras mudam de uma língua para outra e um mé-

todo para estudar.

- **Parte III. A música da voz.** As vogais, o ritmo, o acento, e o que a voz diz sem palavras.
- **Parte IV. Pensar com cuidado.** Como não enganar a si mesmo e que perguntas continuam abertas.

Ao longo do texto você vai encontrar quadros:

Experimente Um exercício curto para fazer na hora. Quase sempre em voz alta.

Atenção Uma armadilha frequente, e como não cair nela.

Desafio Um exercício mais difícil. Tudo bem se você não resolver de primeira.

Para ir mais longe Algo de que você não precisa para seguir em frente, mas que pode interessar.

As soluções dos exercícios estão no final, no anexo B. Peço uma coisa só: tente cada exercício antes de olhar a solução. O capítulo 8 explica por que isso não é mania minha, e sim o jeito como a memória funciona.

Uma última coisa, sobre o tom

Este manual não quer convencer você de nada. Quer que você olhe. Se no fim você ouvir a sua própria língua com um pouco de estranheza — como quando descobre um segredo de alguém que conhece a vida inteira —, ele terá feito o seu trabalho. E se, além disso, o inglês, ou o espanhol, ou o alemão deixarem de parecer uma muralha e começarem

Antes de começar

a parecer um parente distante com outro sotaque, melhor ainda.

Alejandro Toledo Martínez

As palavras têm ossos

PARTE I

Olhar por dentro

Suas palavras são muito velhas

Três cenas

Primeira cena. É segunda-feira, primeira aula de inglês do semestre. A professora distribui uma lista: *father*, pai; *foot*, pé; *fish*, peixe. Você tem que decorar até sexta. Repete, tapa uma coluna com a mão, repete de novo. Na terça, já esqueceu a metade. Ninguém disse *por que* pai em inglês é *father* e não *blorp*. Deram a você um punhado de dados soltos, como quem distribui cartas, e deixaram você sozinho com eles.

Segunda cena. Você manda uma mensagem pelo celular, rápido, com uma mão só: *vc vem? tb vou, blz*. Ninguém ensinou isso a você, mas você sabe fazer. E repare no que você faz: tira das palavras quase todas as vogais e deixa quase todas as consoantes. Nunca o contrário. Ninguém escreve *oê*, *a*, *ea* para dizer “você, também, beleza”. Mesmo quando você abrevia ainda mais (*pq*, *msg*, *kd*), o que sobra são consoantes. Sem que ninguém tenha explicado, você sabe que a mensagem sobrevive sem as vogais e não sobrevive sem as consoantes.

Terceira cena. Coloque em fila cinco palavras de quatro línguas. Quatro delas querem dizer “pai”; a outra, *padre*, é o sacerdote, e já explico por que ela está aqui:

inglês	alemão	latim	português	português
father	Vater	pater	padre	pai

Soam diferente. Escrevem-se diferente. Mas agora faça a mesma coisa que você faz no celular: tire as vogais.

inglês	alemão	latim	português	português
f · th · r	v · t · r	p · t · r	p · d · r	p

Alguma coisa aparece. Quatro das cinco palavras ficam reduzidas quase à mesma coisa: três consoantes, sempre na mesma ordem. E as diferenças que sobram têm um ar de família. O *p*, o *f* e o *v* são feitos com os lábios (o alemão escreve *Vater*, mas pronuncia “fáter”: a ortografia engana você, a boca não). O *d*, o *t* e o *th* inglês são feitos com a ponta da língua contra os dentes. E o *r* é *r* nas quatro.

E por que o português aparece duas vezes? Porque você tem as duas formas. *Padre*, o sacerdote, e *pai* vêm da **mesma palavra latina**, *patrem*. *Padre* guardou o osso inteiro: p · d · r, o mesmo desenho de *father*. *Pai* foi se gastando de boca em boca, durante séculos, até sobrar só o *p*. O osso também se gasta. (No capítulo 5 você vai ver que o português está cheio de pares assim.)

Três cenas, um problema. A lista da primeira cena parece um monte de dados sem costura. A segunda cena diz que você já sabe, sem saber, que as consoantes são o que sustenta uma palavra. E a terceira sugere que, se você olhar as consoantes com cuidado, a lista deixa de ser um monte: *father* não é uma palavra estranha que é preciso decorar, é *pai* — ou melhor, *padre*, que guardou o osso inteiro — dito com outro sotaque. Um sotaque que tem regras.

Este manual trata desse sotaque com regras, e do que há por baixo dele.

Uma família de línguas do tamanho de meio mundo

Como é possível que *pai* e *father* sejam a mesma palavra, se o português vem do latim e o inglês não?

A resposta é que o latim e o antepassado do inglês eram, por sua vez, irmãos. Há uns cinco ou seis mil anos, em algum lugar entre o leste da Europa e o oeste da Ásia, vivia um povo cuja língua não deixou nenhuma escrita. Não sobrou uma tabuinha, nem uma pedra gravada, nem sequer o nome dela. Os estudiosos a chamam de **protoindo-europeu**, na falta de um nome melhor. *Proto* quer dizer “primeiro”; *indo-europeu*, que seus descendentes se espalharam da Índia até a Europa.

Esses descendentes são muitíssimos. Do mesmo tronco saíram o latim (e dele o português, o espanhol, o italiano, o francês, o catalão, o romeno), as línguas germânicas (o inglês, o alemão, o neerlandês, o sueco), o grego, as línguas eslavas (o russo, o polonês), as celtas (o irlandês, o galês), o persa, o híndi e muitas outras. Quase metade da humanidade fala hoje uma língua dessa família.

Imagine uma árvore. O português e o inglês não estão no mesmo galho: um cresce no galho latino, o outro no galho germânico. Mas é a mesma árvore, e os dois galhos saem do mesmo tronco.

Veja o que aconteceu com uma única palavra, o número três, em alguns desses parentes:

língua	três
português	três
inglês	three
alemão	drei
espanhol	tres
grego antigo	treís
lituano	trỹs

Seis línguas que se separaram há milhares de anos, em lugares que não tinham contato entre si, e todas guardaram a mesma coisa: uma consoante de dentes seguida de um *r*.

Atenção Quando você ler uma palavra com asterisco, como **tréyes*, isso significa que essa palavra **não está escrita em nenhum documento**. É uma reconstrução: o que os linguistas deduzem que foi dito, comparando todos os descendentes. O asterisco é um jeito honesto de dizer “isto nós não vimos, nós inferimos”.

Ninguém escreveu o protoindo-europeu. Tudo o que aquele povo disse viajou de uma boca para um ouvido, durante centenas de gerações, mudando um pouco em cada trecho. E mesmo assim, algo do que eles diziam continua vivo na sua boca toda vez que você conta até três.

O que sobreviveu à viagem?

Aqui está a pergunta que sustenta o manual inteiro. Se uma palavra viajou de boca em boca durante cinco mil anos, mudando de forma a cada geração, como alguém pode afirmar a sério — não como poesia, mas como conhecimento — que *três* e *three* são a mesma palavra?

Para poder afirmar isso, alguma coisa teve que sobreviver à viagem. Algo mais duro que as modas, mais teimoso que os séculos.

A linguística histórica descobriu o que era no século XIX, e essa é uma das grandes façanhas silenciosas da ciência. Ela descobriu que os sons de uma língua não mudam ao acaso: mudam com **regras**. Onde o latim tinha *p*, as línguas germânicas puseram *f*, e não em uma palavra, mas em centenas, todas de uma vez. Onde o latim tinha *t*, o inglês pôs *th*. Se você conhece a regra, consegue seguir uma palavra através dos séculos, mesmo que ela tenha trocado de roupa dez vezes.

Neste manual você vai aprender várias dessas regras. Mas não vou entregá-las como uma lista para decorar. Você vai descobri-las sozinho, olhando palavras. Essa diferença importa mais do que parece.

Endo: por dentro

E a endolinguística? O que ela acrescenta a tudo isso?

A palavra se entende por partes. *Endo*, em grego, quer dizer “dentro”. A endolinguística estuda o que as línguas levam **por dentro**: não o que elas dizem, mas como estão organizadas por baixo do que dizem.

Vale a pena distinguir duas camadas desde já:

1. **A exolinguagem** é a língua tal como aparece: as palavras que você ouve e diz, a gramática, a ortografia, o que está no dicionário. É a camada de fora.
2. **A endolinguagem** é a organização profunda que sustenta a de fora: padrões de consoantes que se repetem, que viajam de língua em língua e que orientam o sentido das palavras sem que ninguém perceba.

A esses padrões a endolinguística chama **códigos**. Um código é, dito rapidamente, o esqueleto de consoantes de uma palavra visto de uma maneira especial. Você vai aprender a lê-los nos próximos três capítulos.

E eles têm uma utilidade bem concreta. Um código é o que *padre* e *father* compartilham por baixo do disfarce. Se você aprender a enxergá-lo, cada palavra nova de um idioma aparentado com o seu deixa de chegar sozinha. Chega ligada a algo que você já sabe. Isso muda o jeito de aprender uma língua, e o capítulo 8 explica por quê.

O que este capítulo não diz

Antes de seguir, dois esclarecimentos, porque os mal-entendidos comecem cedo.

O primeiro: nem todas as palavras de todas as línguas são aparentadas. *Pai* e *father* são; isso está documentado. Mas há palavras que se parecem muitíssimo e não são parentes, e aprender a distinguir umas das outras é metade do trabalho. (Não serem parentes não quer dizer que a semelhança delas não signifique nada; isso você vai ver no capítulo 12.)

O segundo: um código não é o “significado secreto” de uma palavra. Essa ideia é tentadora, e é falsa. O que é um código, então, você vai ver no capítulo 4. Por enquanto, guarde isto: o código não diz o que uma palavra significa; diz onde procurar.

Experimente Escreva cinco palavras que você usa todos os dias, as primeiras que vierem à cabeça. Agora tire as vogais, como no celular. Você ainda as reconhece? Alguma fica irreconhecível? Guarde a lista: vamos usá-la no próximo capítulo.

Para ir mais longe Procure na internet um mapa das línguas indo-europeias (em inglês, *Indo-European languages map*). Localize o português, o inglês, o híndi e o russo. Você vai perceber que o português está mais perto do híndi do que do náhuatl, a língua dos astecas: o náhuatl pertence a outra família, a uto-asteca, que não tem nenhum parentesco documentado com o indo-europeu. O que liga o náhuatl ao português é outra coisa, e você vai ver no capítulo 9.

No próximo capítulo você vai aprender a primeira operação de todo o método, a mais simples: separar o osso da carne.

O osso e a carne

Dois tipos de som

Toda palavra é feita de dois tipos de som, e vale a pena sentir a diferença na boca antes de explicá-la.

Diga *aaaa*. Você pode segurar esse som enquanto durar o ar. A boca está aberta, o ar sai livre e a voz soa. Isso é uma **vogal**.

Agora diga *p*. Não dá para segurar: é um instante. Você fechou os lábios, o ar se juntou atrás e saiu de uma vez. Diga *t*: a ponta da língua tapou a passagem contra os dentes e soltou. Diga *s*: você não tapou nada, mas apertou a passagem até o ar assobiar. Isso são **consoantes**. Uma consoante é algo que você faz com o ar: você o corta, aperta, desvia pelo nariz.

Por isso as consoantes se parecem com um contorno, e as vogais, com uma cor. A consoante marca uma borda; a vogal preenche o espaço entre as bordas. Na Parte III vamos voltar a essa imagem, porque ela é mais profunda do que parece. Por enquanto, ficamos com as bordas.

Por que o osso dura mais que a carne

Uma palavra é como um corpo: tem carne e tem osso. As vogais são a carne. São moles, mudam de uma região para outra, de um bairro para outro, de uma geração para outra, e quase ninguém percebe. As consoantes são o osso. Também mudam — nada numa língua é eterno —, mas mudam mais devagar e, sobretudo, **mudam com regras**.

Há muitas provas disso, e você já conhece algumas.

- **O seu celular.** Você já viu no capítulo anterior: *vc, tb, blz*. Você tira vogais, nunca consoantes. E repare no *kd*: você não copiou as letras de *cadê*, anotou o que ouve. Você já tirava o esqueleto do som sem saber.
- **Os sotaques do inglês.** A palavra *tomato* se pronuncia mais ou menos “toméito” nos Estados Unidos e “tomáto” na Inglaterra. As vogais mudam. O *t*, o *m* e o outro *t* ficam onde estão.
- **As escritas semíticas.** O árabe e o hebraico são escritos, há milhares de anos, anotando sobretudo as consoantes. As vogais entram como sinaizinhos opcionais, ou nem entram. Quem sabe a língua adivinha. Culturas inteiras apostaram que o osso basta.

Experimente Leia esta frase em voz alta: *Sm cnsnts nnhm plvr s l*. Conseguiu? Agora tente o contrário, só com as vogais: *e oaa eua aaa e ê*. É a mesma frase. A primeira se lê; a segunda é um enigma impossível.

Tirar o esqueleto: o osso se tira do som

Ao conjunto das consoantes de uma palavra, na ordem em que aparecem, vamos chamar de **esqueleto**. Nós o escrevemos com pontinhos entre as consoantes, para mostrar que são peças separadas:

palavra	esqueleto
padre	p · d · r
casa	k · z
caminho	k · m · nh

Parece fácil, e quase sempre é. Mas há uma regra que muda tudo, e que é preciso ter clara desde o primeiro dia:

O esqueleto se tira do som, não das letras.

A ortografia é uma invenção recente, cheia de caprichos e de restos históricos. A boca é muito mais velha. Quando a ortografia e a boca não coincidem, quem manda é a boca. E o português do Brasil esconde muitos sons atrás das letras. É justamente por isso que ele é um ótimo campo de treino. Vejamos as armadilhas.

1. **O *h* não soa.** *Hoje, homem*: o *h* está escrito, mas não se pronuncia. Não conta. *Hoje* → *j*. (O espanhol também tem um *h* mudo, e em muitas palavras ele fica justo onde o português tem um *f*: *hijo, filho*. No capítulo 6 você vai descobrir por quê, e é uma das histórias mais bonitas do manual.)
2. **O *m* e o *n* que dormem na vogal.** Em *bom*, você não ouve um *m*: ouve uma vogal nasal, que soa pelo nariz. O *m* só colore a vogal; não é consoante. *Bom* → *b*. *Campo* → *k · p*. Mas quando a nasal fica entre vogais, ela acorda e soa de verdade: *cama* → *k · m*.
3. **Um som, várias letras.** O som *k* se escreve *c* (*casa*), *qu* (*quero*) ou *k* (*kiwi*). É sempre *k*. O som de *chuva* se escreve *ch* ou *x* (*xícara*). O som de *jeito* se escreve *j* ou *g* (*gente*). O som *s* se escreve *s* (*sapo*), *ss* (*passo*), *ç* (*caça*) ou *c* (*cedo*).

4. **Uma letra, vários sons.** O *s* de *sapo* soa *s*, mas o de *casa* soa *z*: *casa* → *k · z*. O *c* soa *k* em *casa* e *s* em *cedo*. E o *x* é o campeão: soa *ch* em *xícara*, *z* em *exame* (*z · m*) e *ks* em *fixo* — aqui são duas consoantes: *f · k · s*.
5. **Letras duplas, um som só.** O *ss* de *passo* e o *rr* de *terra* são uma consoante só. Conta uma vez. O mesmo vale para o *lh* e o *nh*, que parecem duas letras e são um som só cada: *trabalho* → *t · r · b · lh*, *vinho* → *v · nh*.
6. ***t* e *d* antes do som *i*.** Diga *tia* e *dia*. Na maior parte do Brasil, o *t* vira um *tch* e o *d* vira um *dj*: “*tchia*”, “*djia*”. E isso acontece também com o *e* final que soa *i*: *ponte* soa “*pontchi*”. No esqueleto, anotamos o que se ouve: *tia* → *tch*, *dia* → *dj*, *ponte* → *p · tch*.
7. **O *l* no fim da sílaba vira *u*.** Diga *Brasil* e *mal*. Na maior parte do Brasil, esse *l* soa como um *u*: “*Brasiu*”, “*mau*”. E um *u* é vogal: não conta. *Brasil* → *b · r · z*, *mal* → *m*, *almofada* → *m · f · d*.
8. **Os dois *r*.** O *r* fraco de *caro* é um toque rápido da língua. O *r* forte de *rato*, de *carro* e de muitos *r* finais soa, em quase todo o Brasil, como um *h* aspirado, lá no fundo da garganta; em partes do interior, soa com a língua dobrada para trás (o *r* “*caipira*”). Seja qual for, no esqueleto ele continua sendo um *r*: *caro* → *k · r*. No capítulo 3 eu explico por que essa é uma decisão, e por que a tomamos.
9. **As semivogais dos ditongos.** Em *pai*, *noite*, *oito* ou *muito*, o *i* e o *u* formam um ditongo com a vogal do lado. Soam um pouco como um *y* ou um *w*, mas continuam sendo vogais. Não contam. *Pai* → *p*, *noite* → *n · tch*, *oito* → *t*, *muito* → *m · t*.

Atenção Todos os esqueletos do português que você vai ver neste manual saem da pronúncia geral do Brasil. E como você também vai tirar esqueletos de palavras do espanhol, aprenda desde já as armadilhas dele. O *h* é sempre mudo (*hielo, hacer, hijo*). O *j*, e o *g* antes de *e* ou *i*, soam como um *h* forte, raspado na garganta (*jirafa, gente*). O *ll* e o *y* (*llave, yo*) são um som de fronteira entre vogal e consoante: marque-o entre parênteses, *llave* → (*y*) · *b*; no capítulo 3 eu explico por que o deixamos à parte em vez de decidir à força. O *c* antes de *e* ou *i*, e o *z*, soam *s* na América Latina e como o *th* inglês na Espanha: *pez* tem esqueleto *p · s* no México e *p · th* em Madri. As duas pronúncias estão certas. O espanhol não tem vogais nasais: o *m* de *campo* soa: *k · m · p*. O *t* e o *d* não viram *tch* e *dj*: *tía* → *t*. O *rr* de *perro* é um *r* só, vibrado forte. E o *i* e o *u* dos ditongos (*tierra, rueda, bueno*) são vogais: o esqueleto de *tierra* é *t · r*.

Seu esqueleto depende do seu sotaque

Isto merece um momento, porque é mais importante do que parece. Se o esqueleto se tira do som, e o som depende de onde você fala, então **uma mesma palavra pode ter esqueletos diferentes conforme quem a diz.**

Não é um problema do método. É um dado. Ele diz algo real sobre a língua: que ela não é um objeto parado, mas um rio com muitos braços. Neste manual você vai encontrar várias vezes esse tipo de diferença, e cada vez ela vai ensinar alguma coisa.

O português está cheio delas. Compare o Brasil com Portugal. Em Portugal, o *t* e o *d* antes de *i* continuam sendo *t* e *d*, sem virar *tch* e *dj*. E o *l* no fim da sílaba soa mesmo como *l*, não como *u*.

palavra	no Brasil	em Portugal
tarde	t · r · dj	t · r · d
dente	d · tch	d · t
Brasil	b · r · z	b · r · z · l
mal	m	m · l

A mesma palavra, escrita do mesmo jeito, com dois esqueletos. *Leite* e *sal* fazem a mesma coisa: você vai decidir as duas, nos dois sotaques, no exercício do fim da seção.

O inglês também está cheio dessas diferenças. Veja estas três palavras:

palavra	como soa	esqueleto
know (saber)	“nôu”	n
mother (mãe), na Inglaterra	“mâdhe”	m · th
mother (mãe), nos Estados Unidos	“mâdher”	m · th · r

O *k* de *know* está escrito, mas não soa. Há mil anos soava: em inglês antigo a palavra era *cnāwan*, e o *c* se pronunciava *k*. A ortografia guardou a letra como um fóssil, mas a boca a deixou cair. E o *r* final de *mother* soa em quase todos os Estados Unidos e não soa em boa parte da Inglaterra. Se você aprende inglês com sotaque americano, o seu esqueleto de *mother* tem três consoantes; com sotaque britânico, tem duas. (O *th* de *mother* não é um *d*, embora muito brasileiro diga “móder”: é um som à parte, feito com a língua entre os dentes.)

Experimente Tire o esqueleto destas palavras, com a pronúncia do Brasil. Lembre-se: quem manda é o som, não a letra. Para *leite* e *sal*, faça também o esqueleto de Portugal.

hora · filho · banho · leite · carro · sal · também · táxi

(Soluções: anexo B, exercício 2.1.)

O osso central: a raiz

Falta uma última coisa para aprender neste capítulo, e é a que você mais vai usar.

Muitas palavras são feitas de peças. *Cantar*, *canto*, *cantor*, *canção*: as quatro compartilham uma peça, *cant-*, que leva o sentido. O resto são terminações que dizem se é verbo ou substantivo, quem faz a ação. À peça que leva o sentido chamamos **raiz**, e às peças que se grudam nela, **afixos**: os que vêm antes são **prefixos** (*re-*, *des-*, *in-*), os que vêm depois são **sufixos** (*-ção*, *-mente*, *-ar*, *-eiro*).

Para o trabalho com códigos, o que importa é o esqueleto da raiz. Se você tirar o esqueleto da palavra inteira, as terminações colocam consoantes que não são do osso central: o *r* de *cantar* é do infinitivo, não da raiz; o *r* de *cantor* é do sufixo *-or*.

palavra	esqueleto completo	raiz	esqueleto da raiz
cantar	k · t · r	cant-	k · t
cantor	k · t · r	cant-	k · t
canção	k · s	canç-	k · s
encantar	k · t · r	-cant-	k · t

Repare em duas coisas. Primeiro, o *n* de *cant-* dorme na vogal nasal: a raiz só tem duas consoantes que se ouvem. (E se você diz “cantá”,

como muita gente no Brasil, o *r* do infinitivo nem aparece: mais um motivo para tirá-lo.) Segundo, em *canção*, no lugar do *t* de *cant-*, você ouve um *s*. Isso também tem história, mas você não precisa dela agora.

Como saber qual é a raiz? Quase sempre basta o bom senso: procure outras palavras da mesma família e veja que peça elas compartilham. Quando não tiver certeza, um dicionário que traga a etimologia diz para você. O Wikcionário (pt.wiktionary.org), gratuito, indica de onde vem cada palavra; dicionários com etimologia, como o Houaiss, também.

Atenção Não fique obcecado pela raiz exata. Para começar, basta tirar as terminações mais óbvias: os infinitivos (*-ar, -er, -ir*), os plurais (*-s, -es*), *-ção, -mente, -dade*. No espanhol, tire os infinitivos (*-ar, -er, -ir*), *-ción, -mente, -dad*. Com isso você já fez a maior parte do caminho.

O que o esqueleto não é

O esqueleto é uma ferramenta, não uma descoberta sobre a palavra. Somos nós que o tiramos, para poder comparar. É como a radiografia: mostra o osso com uma clareza que a foto comum não tem, mas ninguém confunde uma pessoa com a radiografia dela. A música da palavra, o seu tom, a sua vida social, o que você sente ao dizê-la ficam de fora. Vamos recuperá-los na Parte III.

Desafio Pegue de volta a lista de cinco palavras que você escreveu no fim do capítulo 1. Tire o esqueleto delas com as regras deste capítulo, e depois o esqueleto da raiz. Mudou alguma coisa em relação ao que você tinha feito a olho?

No próximo capítulo vamos dar um passo mais para dentro, literalmente: para o interior da sua boca. Você vai descobrir que todas essas consoantes, que parecem tantas, vivem em apenas sete regiões.

Sete regiões da boca

Um país pequeno

Este capítulo se lê em voz alta. Se você estiver num lugar onde não pode fazer barulho, deixe para depois.

Diga devagar, um depois do outro: *p, b, f, v*. Repare onde eles acontecem. Os quatro acontecem no mesmo lugar: os lábios. No *p* e no *b*, os lábios se fecham e se abrem de uma vez; no *f* e no *v*, o lábio de baixo encosta nos dentes de cima e o ar escapa. São sons diferentes, mas moram na mesma região.

Agora diga *t, d*. A ponta da língua toca atrás dos dentes de cima. Se você sabe dizer o *th* do inglês (*think, that*), ele também mora aqui: a língua entre os dentes.

Diga *k*, e o *g* de *gato*. Isso acontece lá no fundo, onde a língua se levanta contra a parte mole do céu da boca, perto da garganta. Se você sabe dizer a *jota* do espanhol (*jamón*) ou o *h* inglês de *house*, soprado da garganta, eles moram aqui também.

Diga *s*, segurando: *sssss*. E *ch*, como quando pede silêncio: *chhhh*. E o *j* de *já*, que é o mesmo chiado, só que com voz. E agora o *t* de *tia*, do jeito que se fala na maior parte do Brasil: “*tchia*”. Ele começa como um *t* e termina chiando. São assobios e chiados: o ar sai apertado e faz barulho.

Diga *l*, depois o *r* de *caro*, depois o *r* de *rato*. A língua não tapa a passagem do ar: deixa o ar escorrer pelos lados, ou dá um toque rápido. O ar flui. O seu *r* forte, em quase todo o Brasil, é feito lá no fundo da garganta, e não com a ponta da língua como o *r* de *caro*. Mesmo assim, ele mora aqui, com o *l*. É que esta região não se define pelo lugar exato: é a região do que flui. O seu *r* forte faz na palavra o mesmo trabalho que o *r* de *caro*, o *r* vibrado do espanhol ou o *r* do inglês, e pertence à mesma classe. É uma decisão, e eu a declaro: é um caso que vale a pena continuar olhando.

Diga *mmmm* com a boca fechada. Você sente o zumbido nos lábios e no nariz.

E diga *nnnn*. Também zumbe pelo nariz, mas agora a boca está aberta e a língua em cima. O *nh* de *vinho* zumbe do mesmo jeito.

Você acabou de atravessar um país pequeno que tem sete regiões. Todas as consoantes que você usa — e quase todas as dos idiomas que você vai aprender — moram em alguma delas.

As sete classes

A endolinguística chama essas regiões de **classes**, e dá a cada uma um símbolo grego. Aqui está o mapa completo:

símbolo	se lê	região	consoantes que moram ali
Φ	fi	os lábios	p, b, f, v; o <i>w</i> inglês no início da sílaba
Θ	teta	os dentes	t, d; o <i>th</i> inglês
X	qui	o fundo	k, g (<i>gato</i>); o <i>h</i> inglês e alemão; a <i>jota</i> espanhola
Σ	sigma	o chiado e o assobio	s, z, ch (<i>chuva</i>), x (<i>xícara</i>), j (<i>já</i>), g (<i>gente</i>); o <i>tch</i> e o <i>dj</i> do Brasil (<i>tia</i> , <i>dia</i>); o <i>sh</i> , o <i>ch</i> e o <i>j</i> do inglês; o <i>ch</i> do espanhol
Λ	lambda	o que flui	l, lh, r (o fraco, o forte, o caipira)
M	san	o zumbido fechado	m
Ξ	csi ("ksi")	o zumbido aberto	n, nh; o <i>ñ</i> espanhol; o <i>ng</i> inglês

Este é o quadro que você mais vai usar no manual inteiro. Ele está repetido no anexo A, para você ter sempre à mão.

Uma letra é um disfarce; a família é a pessoa

Aqui está a primeira ideia técnica importante, e também a mais libertadora.

Quando você compara *padre* com *father*, a primeira letra é diferente: *p* num caso, *f* no outro. Se você compara letras, são palavras diferentes. Mas as duas consoantes moram na mesma região, a dos lábios. Se você compara classes, as duas palavras começam igual: com Φ.

palavra	esqueleto	classes
father	f · th · r	$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$
Vater	f · t · r	$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$
pater	p · t · r	$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$
padre	p · d · r	$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$
pai	p	Φ

O que na tabela de letras eram quatro palavras diferentes, na tabela de classes é uma única sequência, repetida quatro vezes. O *p* e o *f* são disfarces diferentes da mesma pessoa. Por isso o parentesco entre *padre* e *father* é invisível para quem compara letras, e evidente para quem compara classes. E *pai*? Gastou-se no caminho até ficar só com a primeira classe, Φ . Mas é a mesma, no mesmo lugar.

E por que símbolos gregos, e não simplesmente as letras P, T, K? Porque as letras pertencem a cada língua. O *nh* é do português; o *th* é do inglês. Se escrevêssemos a classe dos lábios com um *P*, cedo ou tarde alguém pensaria que o *f* de *father* é um *p* mal pronunciado, e isso é falso. As classes não são letras de nenhuma língua. Merecem um nome que não seja de ninguém.

Experimente Passe estas palavras para classes. Primeiro tire o esqueleto (com as regras do capítulo 2), depois troque cada consoante pelo seu símbolo. Diga cada uma em voz alta antes de decidir.

mãe · mesa · pedra · chave · lâmpada · ninho

(Soluções: anexo B, exercício 3.1.)

Três regras finas

Quase sempre, classificar é imediato. Mas há três casos que confundem no começo.

1. O assobio é só o assobio. O *f* também faz barulho de ar, e a *jota* espanhola também, e o *th* inglês também. Mas nem o *f*, nem a *jota*, nem o *th* são Σ . Por quê? Porque a classe se decide pela **região** onde o som nasce, não pelo barulho de ar que ele faz. O *f* nasce nos lábios: é Φ . A *jota* nasce no fundo: é X . O *th* nasce nos dentes: é Θ . Em Σ só entram os verdadeiros assobios e chiados: *s*, *z*, *ch*, *j*. (O *r* é o único caso em que o lugar exato não decide, e você já sabe por quê: a classe dele é a do que flui.)

2. Os sons de passagem se leem pelo final. O seu *ch* de *chuva* é um chiado simples. Mas o *t* de *tia*, no Brasil, não é: diga bem devagar e você vai notar que ele começa como um *t* e termina chiando, *t-ch*. O *d* de *dia* faz a mesma coisa: *d-j*. O *ch* do inglês *church* e do espanhol *chile*, e o *j* do inglês *judge*, são sons do mesmo tipo. São sons de passagem. A regra é lê-los pelo lugar onde terminam: são Σ . Por isso, no Brasil, o *t* de *tia* é Σ ; em Portugal, onde ele continua sendo um *t*, é Θ . O sotaque muda o esqueleto, e com ele a classe.

3. A fronteira do *ll* e do *y*. No capítulo anterior eu pedi que você marcasse entre parênteses o *ll* e o *y* do espanhol (*llave*, *yo*). O motivo é que esse som fica exatamente no limite entre vogal e consoante: em algumas bocas soa quase como um *i*, em outras quase como o *j* de *já*. Quando o estudamos com cuidado, vimos que forçá-lo numa classe introduzia erros em todo o resto. Então, por enquanto, ele fica como **caso limite**: anota-se, vê-se, e não se classifica à força. (Já o *i* do seu *pai* é outra história: dentro do ditongo ele é vogal, e ponto.) É uma boa lição de método. Quando algo não se encaixa, é melhor deixá-lo

marcado do que esconder a dúvida.

Atenção O *h* não soa nem no português nem no espanhol: por isso não tem classe, simplesmente não está ali. Mas o *h* do inglês (*house, heart*) e o do alemão (*Hund*) soam: é um sopro que sai do fundo da garganta. Esse *h* é X. E o seu *r* forte de *carro* soa bem parecido com ele, o que ajuda muito a pronunciar o inglês. Mesmo assim, para o código ele continua sendo Λ, porque a classe segue o trabalho que o som faz na palavra — ali ele é um *r*, o que flui — e não o ponto exato da garganta onde ele nasce.

O que uma classe é

Até agora eu apresentei as classes como regiões da boca, e esse é o jeito certo de começar. Mas não é a história toda, e eu devo o resto a você.

As sete classes se chamam **OAS**, pela sigla em inglês: *Originating Affective Sounds*, sons afetivos originários. O nome diz algo importante. Uma classe não é um som. É a **sensação** que certos sons produzem em quem os diz e em quem os ouve. Essa sensação está ancorada no corpo — na região da boca onde o som é feito —, mas não é a mesma coisa que o som.

Você mesmo pode notar. Diga *mmm* com a boca fechada: há algo de dentro, de fechamento, de ficar. Diga *pá!*: algo sai, algo se abre de uma vez. Diga *t*: algo para de repente. Diga *sss*: algo escapa, contínuo. Diga *lll*: algo corre, desliza. Diga *k* com força: algo se junta lá atrás e empurra. Diga *nnn*: algo ressoa por dentro.

Cada classe tem algo como um caráter. A endolinguística o estuda com cuidado. E é justamente por isso que eu preciso colocar agora o aviso mais importante de toda a Parte I.

Atenção O caráter de uma classe não é um significado. A classe dos lábios não quer dizer “pai”, nem “força”, nem nada. Uma classe, sozinha, não significa nada e não prevê nada. É como uma cor na paleta antes de alguém pintar: tem o seu tom, mas ainda não é um quadro.

Esse aviso existe porque a tentação é enorme. Parece natural pensar: “se o *m* dá sensação de fechamento e o *t* de limite, então uma palavra com *m* e *t* significa ‘fechamento com limite’”. Esse raciocínio se chama **somar classes**, e é proibido neste método. Não por capricho, mas porque não funciona: produz significados inventados que parecem profundos e não resistem a nenhuma prova. Quem transforma as sensações dos sons em significados de palavras já não está fazendo endolinguística. Está fazendo outra coisa, parecida com a numerologia.

Então, para que servem as classes? Servem para **ver**: para reconhecer que *padre* e *father* são a mesma sequência debaixo de dois disfarces. E servem como peças de algo maior. O sentido, quando aparece, não aparece nas classes soltas. Aparece quando as classes se combinam numa ordem e essa combinação se repete em muitas palavras de muitas línguas. A essa combinação chamamos **código**, e ele é o tema do próximo capítulo.

Uma classe é de uma família de línguas

Uma última precisão. As sete classes deste capítulo são as que eu propus para a nossa família de línguas, a indo-europeia. As bocas do mundo inteiro têm os mesmos lábios, os mesmos dentes e o mesmo fundo, então as regiões físicas são as mesmas em toda parte. Mas a sensação que um grupo de sons produz, e o jeito como os sons se agrupam entre si, pode mudar de uma família de línguas para outra. Um som que na nossa família se sente como força pode ser sentido de ou-

tro modo em outra família. Por isso as classes não se transportam sem mais nem menos para línguas de outras famílias, como o náhuatl, o árabe ou o japonês. Vamos voltar a isso no capítulo 9.

Desafio Classifique as consoantes destas palavras inglesas. Pronuncie bem antes de classificar (se não souber como soam, procure num dicionário on-line com áudio). Cuidado com as letras mudas, e com as consoantes que o português não tem.

mother · think · house · water · knife · yes

(Soluções: anexo B, exercício 3.2.)

Para ir mais longe Os linguistas têm o seu próprio sistema para classificar sons, muito mais detalhado: o **Alfabeto Fonético Internacional** (AFI, ou IPA em inglês). Ele distingue, por exemplo, o *t* do inglês *top* do *t* de *stop*: depois do primeiro, o inglês solta um sopro de ar; depois do segundo, não. Para um ouvido brasileiro, os dois costumam soar iguais. As classes OAS não competem com esse alfabeto. São outro tipo de instrumento: o AFI descreve os sons com toda a precisão; as classes agrupam os sons pela região e pela sensação que compartilham. Um é uma lupa; o outro, um mapa.

O código

Montar o objeto

Você já tem todas as peças. Ler uma palavra de modo endolinguístico é fazer três movimentos em sequência:

1. **Tirar o que não é raiz:** terminações, prefixos, sufixos (capítulo 2).
2. **Extrair o esqueleto** da raiz: suas consoantes, do jeito que soam, na ordem delas (capítulo 2).
3. **Passar para as classes:** cada consoante vai para a sua região (capítulo 3).

O que sobra é uma sequência muito curta: quase sempre duas ou três classes, numa certa ordem. Isso, exatamente isso, é um **código endolinguístico**. Se tem duas classes, nós o chamamos de **binário**; se tem três, de **ternário**.

Pegue o *padre* — a palavra que em português ficou para o sacerdote e que em espanhol ainda quer dizer “pai” — e o inglês *father*. As letras não são as mesmas: p·d·r de um lado, f·th·r do outro. Mas cada consoante cai na mesma região que a sua correspondente na outra palavra, e as duas palavras levam o mesmo código: $\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$.

palavra	raiz	esqueleto	código
padre	padr-	p · d · r	$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$
father (inglês)	father-	f · th · r	$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$
pai	pai	p	Φ
terra	terr-	t · r	$\Theta \cdot \Lambda$
cantar	cant-	k · t	$X \cdot \Theta$

(Em *pai*, o *i* é semivogal de ditongo: é vogal, não conta. Em *cantar*, o *n* dorme na vogal nasal: também não conta.)

E o seu *pai*? Ficou com uma classe só, Φ . *Pai* e *padre* são a mesma palavra latina, *patrem*, que chegou até você por dois caminhos. Pela boca do povo, durante séculos, ela foi se gastando até sobrar só o p: o Θ e o Λ se apagaram no caminho. A outra forma, *padre*, guardou o osso inteiro, p·d·r. O osso também se gasta. E muitas vezes é a palavra-irmã que guarda o que a palavra de todo dia perdeu. Você vai ver isso de novo no capítulo 5.

A ideia do código é o coração da endolinguística, e vem de seus fundadores, Meulemans e Elias. Comparando dezenas de línguas, eles descobriram que certos padrões de consoantes se repetem sem parar, atravessam os séculos e as fronteiras, e reúnem ao seu redor palavras cujo sentido tem algo em comum. As classes com que escrevemos esses padrões aqui são o jeito como eu os organizo.

A ordem importa

Agora, um detalhe que parece pequeno e é a alma da coisa.

21 não é a mesma coisa que 12, embora use os mesmos algarismos. Com os códigos acontece o mesmo: **$\Theta \cdot \Lambda$ não é a mesma coisa que $\Lambda \cdot \Theta$.**

Mesmas duas classes, ordem diferente, código diferente.

Para falar disso com precisão, precisamos de duas palavras.

- O **núcleo** de um código é o conjunto das suas classes, sem levar em conta a ordem. Escreve-se entre chaves: o núcleo de $\Theta \cdot \Lambda$ é $\{\Theta, \Lambda\}$, e o de $\Lambda \cdot \Theta$ também.
- O **código** é a sequência **com** a sua ordem. $\Theta \cdot \Lambda$ e $\Lambda \cdot \Theta$ têm o mesmo núcleo, mas são códigos diferentes.

Quando dois códigos têm o mesmo núcleo e a ordem invertida, dizemos que um é a **inversão** do outro.

Uma inversão que dá para ouvir

Leia estas duas listas em voz alta, uma depois da outra.

$\Theta \cdot \Lambda$	$\Lambda \cdot \Theta$
terra	rotação
terreno	rodar
território	espanhol <i>rueda</i> (roda)
espanhol <i>tierra</i> (terra)	inglês <i>rotate</i> (girar)

(Em *rueda*, o *u* é a vogal de um ditongo, então não conta: o esqueleto é $r \cdot d$. Em *tierra*, quem é vogal é o *i*: $t \cdot r$. E o *r* forte de *terra* e de *rotação*, que no Brasil soa quase como um *h*, continua sendo Λ , como você viu no capítulo 2.)

De um lado, palavras de chão, de assento, do que fica parado. Do outro, o mesmo par de classes invertido: palavras de giro, de volta, de

movimento. As mesmas duas notas; tocadas numa ordem, soam como repouso; na outra, como marcha.

Agora vem a parte honesta, e ela é tão importante quanto a bonita.

Terra e rotação não são parentes. *Terra* vem do latim *terra*, que vem de uma raiz protoindo-europeia que queria dizer “seco”. *Rotação*, *rodar* e o espanhol *rueda* vêm do latim *rota*, de outra raiz, que queria dizer “correr, rodar”. São duas histórias diferentes. Nenhum dicionário etimológico as liga.

Então, o que foi que você acabou de ouvir? Não é um parentesco: é uma **leitura endolinguística**. É a observação de que palavras de histórias diferentes levam o mesmo núcleo em ordem inversa, e de que seus campos de sentido — o repouso, o giro — também parecem estar em relação. A endolinguística propõe que isso não é totalmente casual: que a ordem das classes orienta o sentido. Mas isso é uma proposta, não um fato demonstrado, e precisa ser tratada assim. É uma leitura, não um parentesco.

Desafio Em alemão, *terra* se diz *Erde*. O esqueleto é $r \cdot d$: o código é $\Lambda \cdot \Theta$, a ordem de *rodar*, não a de *terra*. (O inglês *earth*, na pronúncia americana, tem a mesma ordem: $r \cdot th$.) Isso derruba a leitura da tabela anterior? Pense antes de continuar lendo. Não há uma resposta fechada; o que importa é como você raciocina.

Uma pista para o desafio. Um exemplo que não se encaixa não destrói sozinho uma proposta, mas também não dá para escondê-lo. O que decide se uma leitura vale é contar: quantas palavras a cumprem e quantas não, em muitas línguas, comparado com o que sairia por puro acaso. Dois ou três exemplos bonitos não provam nada, e um feio também não refuta nada. Por isso, neste manual, toda vez que eu mostrar uma leitura assim, vou dizer que é uma leitura. Esse hábito é

a diferença entre um método e uma coleção de coincidências.

Um código não significa: orienta

Se, ao ler a tabela de *terra* e *rotação*, você pensou “então $\Theta \cdot \Lambda$ significa terra”, este é o momento de frear. Esse pensamento é natural, e é a porta errada.

Um dicionário diz o que uma palavra significa. Um código não faz isso. Um código **orienta**: aponta uma zona — “as palavras que me levam costumam morar por aqui” — sem dizer o que há na zona.

É a diferença entre um mapa do tesouro e uma bússola. O mapa promete o baú. A bússola só jura onde fica o norte; o que houver ao norte, quem vai dizer é o terreno.

Há um exemplo que mostra isso melhor do que qualquer explicação. Olhe estas palavras:

palavra	língua	sentido	código da raiz	de onde vem
calor	português e espanhol	calor	$X \cdot \Lambda$	raiz latina <i>cal-</i> , “estar quente”
caliente	espanhol	quente	$X \cdot \Lambda$	a mesma raiz <i>cal-</i> (+ sufixo <i>-iente</i>)
caldo	italiano	quente	$X \cdot \Lambda \cdot \Theta$	raiz <i>cald-</i> : latim <i>calidus</i> , da mesma raiz <i>cal-</i> de <i>calor</i> ; em italiano o velho sufixo se fundiu com a raiz
gélido	espanhol	gelado	$X \cdot \Lambda$	raiz <i>gel-</i> (+ sufixo <i>-ido</i>): latim <i>gelidus</i> , de <i>gelu</i> , “geada”
cold	inglês	frio	$X \cdot \Lambda \cdot \Theta$	a mesma raiz de <i>gelu</i>
kalt	alemão	frio	$X \cdot \Lambda \cdot \Theta$	a mesma raiz de <i>gelu</i>

Aqui há duas famílias. *Calor*, *caliente* e *caldo* são de uma: a raiz latina *cal-*. *Gélido*, *cold* e *kalt* são de outra: são parentes entre si (*gélido* é, na verdade, o primo latino de *cold*), e vêm de uma raiz que queria dizer frio. As duas famílias **não são aparentadas**. *Calor*, *caliente* e *gélido* começam a raiz com o mesmo par $X \cdot \Lambda$.

E aqui está o mais fino: o italiano *caldo*, que quer dizer “quente” (não “sopa”, como no português), e o inglês *cold*, que quer dizer “frio”, têm exatamente o mesmo código, $X \cdot \Lambda \cdot \Theta$. Vêm de duas famílias sem parentesco, e cada um está numa ponta do mesmo eixo: a temperatura. O alemão *kalt*, irmão de *cold*, também leva $X \cdot \Lambda \cdot \Theta$.

Um matiz, para sermos honestos. Em latim, o *d* de *calidus* era do sufixo, não da raiz. Em italiano o sufixo se fundiu, e hoje esse *d* é parte da raiz *cald-*. Isso não fomos nós que fizemos ao separar a palavra: foi a língua sozinha.

Um detalhe sobre a sua pronúncia. Você também diz *gélido*, mas no seu português o *g* antes de *e* soa como *j*: o esqueleto da raiz fica *j·l*, e o código, $\Sigma \cdot \Lambda$. O *X* virou Σ . No espanhol, esse *g* soa como uma *jota* raspada no fundo da boca, e o *X* continua lá. É por isso que a tabela usa a forma espanhola.

O código se contradiz, aparecendo ao mesmo tempo no quente e no frio? Só se esperávamos que ele significasse. Se entendemos que ele orienta, a aparente contradição vira informação. Esse código aponta um eixo — o da temperatura — e cada palavra percorre esse eixo até uma ponta diferente. Uma bússola que marca o eixo norte-sul não é refutada porque um viajante vai para o norte e outro para o sul.

(Isto, mais uma vez, é uma leitura. O que está documentado é que *gélido*, *cold* e *kalt* são parentes e que *calor*, *caliente* e *caldo* são de outra família. Que *caldo* e *cold* coincidam no código inteiro $X \cdot \Lambda \cdot \Theta$, e as duas famílias no eixo, é a observação endolinguística.)

O uso é o árbitro

Se o código não diz o que uma palavra significa, quem diz? **O uso**. As frases reais em que a palavra vive, o que as pessoas de fato fazem com ela.

O código diz *onde olhar*; o uso diz *o que se vê*. Essa divisão de trabalho é a regra mais importante do método. Quem a inverte — quem decide primeiro o que um código “significa” e depois obriga as pala-

vas a obedecer — já não está observando a língua. Está ditando para ela.

Como não ler um código

Volto à armadilha do capítulo 3, porque com os códigos ela fica ainda mais tentadora.

Pegue a palavra inglesa *star*, “estrela”. O código é $\Sigma \cdot \Theta \cdot \Lambda$. Alguém poderia raciocinar assim: “ Σ é o assobio, que dá a sensação de sair; Θ é o limite; Λ é o que flui. Então *star* é algo que sai, se define e flui: uma estrela!”.

Esse raciocínio está errado, e vale a pena entender por quê, porque o problema não é só que a conclusão seja duvidosa.

1. **Trata cada classe como se tivesse um significado fixo.** Já vimos que não tem.
2. **Soma os pedaços**, como se o código fosse uma frase feita de três palavras. Mas as classes não se somam: elas se **ligam**, e o resultado depende do todo e da ordem, do mesmo jeito que a água não se parece nem com o hidrogênio nem com o oxigênio.
3. **Fecha o que o código abre.** Um código aponta um campo amplo; uma glosa de duas palavras o tranca numa etiqueta. Se uma leitura cabe em duas palavras, quase com certeza foi montada somando.

Qual é o jeito certo, então? Ir às palavras. *Star* tem parentes documentados: o latim *stella*, de onde vem o espanhol *estrella*, e o alemão *Stern*. (E a sua *estrela*? Parece muito com *estrella*. Confira num dicionário com etimologia antes de dar por certo.) O que essas palavras

compartilham, e o que as pessoas fazem com elas em frases reais, é o que diz qual campo esse código orienta. O sentido se lê nas **relações entre as palavras**, não nas peças do código.

Experimente Extraia o código da raiz destas palavras. Depois procure os pares que têm o mesmo núcleo em ordem inversa.

pata · tapa · mala · lama · saco · caso · cama · maca

(Soluções: anexo B, exercício 4.1.)

Atenção No exercício anterior, você vai encontrar inversões entre palavras que não têm nada a ver uma com a outra: *mala* e *lama*, por exemplo. Encontrar uma inversão é fácil. O difícil, e o interessante, é saber se ela significa alguma coisa. As inversões dos jogos de palavras são um bom treino para o olho; não são descobertas.

Resumo da Parte I

Com isso, você tem o instrumento completo. Vamos recapitular:

- O **esqueleto** é o conjunto de consoantes de uma palavra, tirado do som (capítulo 2).
- A **raiz** é a peça que leva o sentido; é dela que se tira o código (capítulo 2).
- As **classes** são sete regiões da boca, cada uma com sua sensação própria; sozinhas, não significam nada (capítulo 3).
- O **código** é a sequência de classes da raiz, na sua ordem; o **núcleo** é o mesmo conjunto sem ordem; a **inversão** muda a ordem e conserva o núcleo (este capítulo).
- O código **orienta**, não significa. O **uso** é o árbitro.

Na Parte II, você vai usar tudo isso para o que eu prometi no começo: aprender idiomas. E a primeira coisa que você precisa saber é quem são, de verdade, os seus parentes.

PARTE II

Usá-lo para aprender idiomas

Parentes de viagem

Três maneiras de se parecer

Duas palavras de línguas diferentes podem se parecer por três razões, e metade da arte de aprender idiomas com este método consiste em distingui-las.

Primeira razão: a herança. As duas palavras descendem de uma mesma palavra antiga, e cada língua foi transformando essa palavra do seu jeito. *Padre* (e o seu *pai*) e *father* são assim: vêm, por caminhos separados, da mesma palavra protoindo-europeia. Ninguém emprestou nada a ninguém. São como primos que herdaram o nariz do mesmo bisavô.

Segunda razão: o empréstimo. Uma língua pegou a palavra pronta de outra. *Tomate* é assim: o espanhol a tomou do náhuatl *tomatl*, e ela chegou até o português. *Chocolate* fez o mesmo caminho, a partir do náhuatl *chocolātl*. E o seu *abacate* vem do espanhol *aguacate*, que vem do náhuatl *āhuacatl*. Aqui não há antepassado comum; há uma viagem de uma língua para outra.

Terceira razão: a coincidência. As duas palavras não têm história em comum nem emprestaram nada uma à outra, e mesmo assim se parecem. Como dois desconhecidos parecidos que se cruzam na rua. Não serem parentes não quer dizer que a semelhança não importe: no

capítulo 12, você vai ver que a endolinguística a leva muito a sério.

Vistas de fora, as três parecem iguais. Por isso é preciso aprender a olhá-las por dentro, e a perguntar à história.

Coderivados

As palavras da primeira razão, os linguistas chamam de **cognatos**: palavras “nascidas juntas”. Na endolinguística, preferimos outro nome, **coderivados**, porque ele destaca o que nos importa. Um coderivado é uma palavra que, ao descender de uma fonte comum, **conserva o código**. Não nos interessa a etimologia em abstrato, e sim o osso que sobreviveu à viagem.

Os coderivados são o terreno onde este método dá mais frutos, e onde ele é mais honesto. Quando você aprende *father* sabendo que é *padre* com outro sotaque, você não está inventando uma ligação para lembrar: está vendo uma ligação que existe, que está documentada, que a linguística comprovou com centenas de exemplos. (E, se você olhar bem, *father* guardou o osso inteiro, $\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$, que o seu *pai* gastou no caminho: o capítulo 4 mostrou isso.) Por isso, a regra de ouro do trabalho com códigos para aprender idiomas é esta:

Experimente Antes de continuar, decore a regra de ouro. Diga em voz alta, duas vezes: **o jogo se joga com coderivados**. Não com qualquer palavra que soe parecido.

Os empréstimos também viajam

Os empréstimos não são parentes, mas têm a sua própria história, e às vezes ela é mais aventureira que a dos coderivados.

Veja a viagem do açúcar. Começou na Índia, em sânscrito, como

śárkarā. Dali passou para o persa médio, *šakar*. Do persa, para o árabe, *sukkar*. E do árabe falado na Península Ibérica, para o espanhol antigo, *açúcar*. Quatro línguas, duas famílias, milhares de quilômetros. A palavra mudou de mãos como uma mercadoria, e de fato viajou junto com a mercadoria.

E aquele *a* do começo? É uma lembrança do árabe, que colava o seu artigo *al-* nos substantivos. As línguas da Península levaram o artigo junto com a palavra, sem perceber. Foi o que aconteceu com o seu *azeite* (do árabe *az-zayt*, “o azeite”) e com a sua *almofada* (do árabe andaluz *al-miḡadda*). Muitas palavras que começam com *al-* ou *az-* vêm dessa viagem. Muitas, não todas: em espanhol, *alto* e *alma* vêm do latim — e em português elas se escrevem igualzinho. Por isso é preciso conferir cada uma.

Atenção Uma palavra ser empréstimo não a torna menos sua. *Tomate* é tão português quanto *pai*. O que muda é o tipo de ligação que você pode usar para aprender. Um empréstimo liga você à língua de onde ele veio, não aos parentes dessa língua.

Às vezes, empréstimo e herança se cruzam. O espanhol *ganso* e o inglês *goose* são parentes: vêm da mesma palavra germânica. Mas o espanhol não a herdou do latim: pegou emprestada do gótico, a língua de um dos povos germânicos que chegaram à Península há uns 1.500 anos. É um parente que veio fazer uma visita e ficou para morar.

Falsos amigos

Aqui começa a parte delicada. Um **falso amigo** (ou **falso cognato**) é uma palavra de outra língua que se parece com uma sua, mas não significa a mesma coisa. Todo mundo que estuda inglês conhece alguns.

O problema é que existem **dois tipos** de falsos amigos, e quase ninguém explica isso.

Tipo 1: parentes que mudaram de profissão

Alguns falsos amigos **são**, sim, parentes. Vêm da mesma palavra, mas em cada língua o sentido foi se deslocando até parar em lugares diferentes.

inglês	português	o que quer dizer em inglês	a história
push	puxar	empurrar	os dois vêm do latim <i>pulsāre</i> ; o inglês o pegou do francês <i>pousser</i>
exquisite	esquisito	requintado, primoroso	os dois vêm do latim <i>exquīsītus</i>
parents	parentes	pai e mãe	os dois vêm do latim <i>parentem</i>
library	livraria	biblioteca	os dois são da família do latim <i>liber</i> , “livro”
actually	atualmente	na verdade, de fato	os dois são da família do latim <i>actualis</i> , “ativo”

O primeiro é o melhor de todos, e o mais perigoso. *Push* e *puxar* são parentes, e querem dizer **o contrário**. *Push* é empurrar. Puxar, em inglês, é *pull* — e *pull* não é parente de nada disso: é uma palavra germânica, de outra família. Se você vir *PUSH* escrito numa porta, empurre.

Há outro, do lado do espanhol, que também vale ouro: *embarazada*. Parece o seu *embaraçada*, e quer dizer... “grávida”. Talvez digam a você que a semelhança é puro acaso. Não é. O espanhol e o português antigo tinham *embaraçar*, que queria dizer “enredar, travar”. Essa palavra vinha de *baraço*, “corda, laço”, que por sua vez vinha do árabe *marasa*, “corda”. (O inglês *embarrassed* também é da família: chegou pelo francês.) As palavras são parentes. Todas falam, no fundo, de algo que enreda, que atrapalha. Em inglês, o estorvo virou vergonha; em espanhol, virou gravidez.

A lição é importante: **o parentesco não garante o significado**. Dois coderivados podem ter viajado tanto que já não querem dizer a mesma coisa. O código ajuda você a lembrar da palavra; o uso diz o que ela significa. Se você confiar só no código, vai puxar a porta que manda empurrar.

Um falso amigo depende do par

Aqui vai um detalhe que as listas de falsos amigos costumam esquecer: uma palavra não é falso amigo sozinha. Ela é falso amigo **em relação a outra língua**.

Pegue o espanhol *exquisito*. Ele vem do mesmo latim que o seu *esquisito*, *exquĩsītus*, e as duas palavras são falsas amigas entre si: em espanhol, *exquisito* quer dizer “delicioso, requintado”; em português, *esquisito* quer dizer “estranho”. Se um amigo argentino disser que a sua comida está *exquisita*, é um elogio.

E o contrário também acontece. O espanhol *actual* e *librería* são duas armadilhas para quem fala inglês: *actual* não quer dizer “real”, e *librería* não é uma biblioteca. Para você, são amigos **verdadeiros**: *actual* é *atual*, e *librería* é *livraria*. A mesma palavra espanhola engana um e

ajuda o outro.

É uma boa notícia. O português, colocado entre o inglês e o espanhol, muitas vezes dá a você a chave certa para o espanhol justamente onde o inglês arma uma armadilha — e às vezes o contrário. Pergunte sempre: falso amigo, sim, mas **em relação a quê?**

Tipo 2: desconhecidos que se parecem

Outros falsos amigos não têm parentesco nenhum, e às vezes se parecem demais. Pegue *fogo* e o inglês *fire*: mesmo sentido, começam com o mesmo *f*... e não são parentes. *Fogo* vem do latim *focus*; *fire* é uma palavra germânica. O caso mais impressionante, entre as duas línguas que você aprende, é o espanhol *mucho* e o inglês *much*: mesmo sentido, quase o mesmo som, o mesmo código... e nenhum parentesco. (O seu *muito* vem do mesmo latim que *mucho*, *multus*.) Você vai olhar esse caso com calma no capítulo 12, porque ele ensina duas coisas ao mesmo tempo: os limites deste método e um dos seus mistérios mais interessantes.

Duas camadas do português

E agora, uma das coisas mais úteis que este manual pode dar a você para aprender idiomas.

O português tem, para muitas ideias, **duas palavras da mesma família**. Uma chegou do latim falado, de boca em boca, durante séculos, e foi se gastando com o uso: perdeu consoantes, trocou outras. A outra foi tirada do latim escrito, séculos depois, por pessoas cultas, que a copiaram quase igual dos livros. A primeira é a palavra **herdada**; a segunda, a palavra **culta**. As duas formam um par de palavras-irmãs,

que as gramáticas chamam de **formas divergentes**. Olhe:

herdada (gasta pela viagem)	esqueleto	culta (copiada do latim)	esqueleto
chão	ch	plano	p · l · n
cheio	ch	pleno	p · l · n
paço	p · s	palácio	p · l · s
olho	lh	óculo	k · l
pai	p	padre	p · d · r
mãe	m	madre	m · d · r
puxar	p · ch	pulsar	p · s
fogo	f · g	foco	f · k

(Em *chão* e *mãe*, a nasal só colore a vogal: não é consoante. O *i* de *cheio* e de *pai* é semivogal: é vogal. Em *puxar* e *pulsar*, conta a raiz, sem o *-ar*. E em *pulsar* o *l* está no fim da sílaba: no Brasil ele soa como *u* e não conta; em Portugal, contaria, e o esqueleto seria p·l·s.)

Está vendo o que acontece? A palavra herdada se parece pouco com o latim. A culta guarda o osso latino quase intacto: *cheio* ficou com uma consoante só, *pleno* tem três; *olho* tem uma, *óculo* tem duas; *pai* tem uma, *padre* tem três. É o que você viu no capítulo 4. E repare em *chão* e *cheio*: onde a palavra culta tem *pl*, a herdada tem *ch*. Isso não é acaso; é uma regra, e ela vai aparecer no capítulo 6.

A camada culta do inglês

Agora vire a tabela. O inglês também tem duas camadas. Uma é germânica: as palavras curtas, antigas, de casa. A outra é latina ou francesa: as palavras mais compridas, meio chiques, da escola, das leis e

das ciências. O inglês tomou do latim e do francês milhares de palavras cultas desse tipo.

Muitas vezes, o inglês tem uma palavra germânica para o dia a dia e uma palavra culta, tirada do latim, para as ocasiões sérias. E olhe o que acontece quando você coloca o português do lado:

inglês de todo dia	inglês culto	português de todo dia
father	paternal	pai (e <i>paterno</i>)
mother	maternal	mãe
night	nocturnal	noite
tooth	dental	dente
eye	ocular	olho
foot	pedestrian	pé
hair	capillary	cabelo
son	filial	filho
iron	ferrous	ferro

Viu? **Suas palavras de todo dia são as palavras chiques do inglês.** O que o inglês guarda para as grandes ocasiões, você usa no café da manhã. Quando encontrar em inglês uma palavra longa, com cara séria, pergunte-se se ela não é a gêmea de uma palavra portuguesa que você já conhece.

E em várias linhas a palavra inglesa de todo dia também é parente: *father*, *mother*, *night*, *tooth*, *eye* e *foot* compartilham um antepassado protoindo-europeu com as suas palavras. O capítulo 6 vai dar a você a regra que as liga.

Atenção Não fique confiante demais. Você já viu que *actually*, *library* e *exquisite* são dessa camada culta, ou quase, e são falsos amigos. A porta existe, mas é preciso atravessá-la perguntando. O capítulo 8 dá a você um jeito prático de fazer isso.

O teste do falso amigo

Antes de dar por boa uma ligação entre duas palavras de línguas diferentes, faça a si mesmo estas quatro perguntas:

1. **Elas soam parecido por dentro?** Tire o esqueleto da raiz e o código das duas. Se não compartilham nem sequer o núcleo, provavelmente não há ligação útil.
2. **Elas têm história em comum?** Procure. Um dicionário etimológico responde em um minuto. Para começar, servem o Wikcionário (pt.wiktionary.org) ou um dicionário com etimologia, como o Houaiss; para o inglês, os dicionários que trazem a etimologia.
3. **Elas querem dizer a mesma coisa hoje?** Mesmo que sejam parentes, repare em como são usadas em frases reais da outra língua. O uso é o árbitro.
4. **É herança ou empréstimo?** A resposta diz que tipo de ligação você pode aproveitar.

Parece muito trabalho. No começo, é. Mas, com a prática, vira um gesto de dois segundos, uma pequena dúvida proposital antes de guardar uma palavra na memória: *isto é parentesco de verdade ou eco por acaso?* Esse gesto é o que separa quem aprende rápido de quem erra rápido.

Desafio Classifique estes pares em três grupos: (a) coderivados com o mesmo sentido, (b) coderivados que mudaram de sentido, (c) empréstimos. Use um dicionário.

três / three · atualmente / actually · tomate / tomato · noite / night · puxar / push
· chocolate / chocolate

(Soluções: anexo B, exercício 5.1.)

No próximo capítulo, você vai descobrir que as línguas não mudam as palavras ao acaso: elas seguem regras. E que essas regras se aprendem como um truque de mágica, uma vez só, para usar mil.

As regras da viagem

Um truque que se aprende uma vez

Imagine que alguém entrega a você uma lista de quarenta palavras num idioma que você não conhece e diz: “Decore”. Agora imagine que, em vez disso, a pessoa dá uma única regra e diz: “Com isto, você consegue adivinhar trinta das quarenta”. O que você prefere?

As línguas aparentadas não mudam as palavras ao acaso. Elas mudam com regras, e cada regra vale para centenas de palavras de uma vez. Essas regras, os linguistas chamam de **correspondências**: onde uma língua tem tal som, a outra tem tal outro. Aprender uma correspondência é aprender um truque uma vez para usar mil.

Este capítulo ensina várias. Mas não vou entregá-las como lista. Vou colocar as palavras na sua frente, e quem vai ver a regra é você. Funciona melhor assim: o que você descobre, você lembra.

Experimente Antes de continuar lendo, faça três apostas, no escuro. Como se diz *filho* em espanhol? E *ferro*? E como se diz *chave* em italiano? Escreva suas respostas; as tabelas deste capítulo vão dizer se você acertou. (Soluções: anexo B, exercício 6.1.)

O *f* que o espanhol perdeu

Começemos pelo espanhol, a segunda língua que você provavelmente aprende. Olhe estas palavras em quatro línguas que vêm do latim, e no próprio latim:

português	espanhol	italiano	francês	latim
fazer	hacer	fare	faire	facere
filho	hijo	figlio	fil	filius
ferro	hierro	ferro	fer	ferrum
farinha	harina	farina	farine	farina
fio	hilo	filo	fil	filum
folha	hoja	foglia	feuille	folium
forno	horno	forno	—	furnus

Olhe a primeira letra de cada coluna. O que você vê?

Onde o latim, o português, o italiano e o francês têm *f*, o espanhol tem *h*. E esse *h* não soa. Ou seja: o espanhol **perdeu** o *f* inicial do latim. Não numa palavra, mas em todas estas e em muitas outras.

Então por que se escreve o *h*? Porque ele é a marca do *f*. No espanhol antigo, uns oitocentos anos atrás, ainda se dizia *fazer*, *fiijo*, *fierro*, *forno*. Repare: *fazer* e *forno*, iguaizinhos ao que você diz hoje. Pouco a pouco, o *f* do espanhol foi se suavizando até virar um sopro, que se escreveu *h*, e depois o sopro sumiu. A ortografia ficou com a letra, como quem guarda a foto de um parente que já se foi. O *h* mudo do espanhol, tão mudo quanto o seu, muitas vezes está ali porque antes houve um *f*.

E aqui vem a boa notícia: **o seu português guardou o *f* que o es-**

panhol perdeu. Toda vez que uma palavra espanhola começar com *h* mudo, ponha um *f* no lugar e veja se acende uma palavra portuguesa: *hilo* → *fio*, *harina* → *farinha*, *hoja* → *folha*.

A regra tem suas próprias regras

Agora olhe estas palavras espanholas: *fuego* (fogo), *fuerte* (forte), *flor* (flor), *frente* (frente). Vêm do latim *focus*, *fortis*, *flos*, *frons*, e conservam o *f*. Elas quebram a regra?

Não exatamente. Repare no que vem depois do *f*: em *fuego* e *fuerte*, o ditongo *ue*; em *flor* e *frente*, uma consoante que flui, *l* ou *r*. Nessas posições, o *f* resistiu. (Nem sempre foi fácil: durante um tempo também se disse *huego*, e no fim ganhou a forma com *f*.) Uma regra cujas exceções têm sua própria explicação não é uma regra quebrada. É uma regra mais precisa.

O que acontece com o código

Isso tem uma consequência para o código. Quando o espanhol perde o *f*, o código perde uma classe: *filius* começava com Φ ; *hijo*, não. O seu *filho* e o italiano *figlio* conservam o Φ . Se você quiser encontrar o código original de uma palavra espanhola que começa com *h* mudo, muitas vezes vale a pena olhar para as primas dela: o português e o italiano guardaram o que o espanhol perdeu.

O que o português fez com *cl*, *pl* e *fl*

Outra tabela. Desta vez, a palavra latina começa com duas consoantes juntas.

latim	português	espanhol	italiano	francês
clavis	chave	llave	chiave	clé
pluvia	chuva	lluvia	pioggia	pluie
flamma	chama	llama	fiamma	flamme
plenus	cheio	lleno	pieno	plein

Quatro línguas, quatro soluções diferentes para o mesmo problema. O francês conservou os grupos *cl*, *pl*, *fl*. O espanhol os transformou em *ll*. O italiano trocou o *l* por um *i*: *chi*, *pi*, *fi*. E o português os transformou em *ch* — o mesmo som do *x* de *xícara*.

Essa regra é **sua**. Não foi o espanhol que a inventou, nem o latim: foi o português. E ela está espalhada pelo seu vocabulário mais básico. O seu *chão* vem do latim *plānum*, o mesmo que deu *plano*, a palavra culta; o seu *cheio* vem de *plēnus*, o mesmo que deu *pleno*. Você viu esses pares no capítulo 5. Agora você sabe por que a palavra de todo dia tem *ch* onde a culta tem *pl*.

Repare no que isso faz com o código. Duas consoantes do latim, $X \cdot \Lambda$ em *clavis* ou $\Phi \cdot \Lambda$ em *plenus*, viraram uma só, *ch*, que é Σ . Os sons saíram das suas classes. Não é um defeito do método: é informação. Diz que essa mudança foi forte.

E, se você fala português e aprende espanhol, essa regra sozinha dá a você dezenas de palavras: onde você diz *ch* e o latim tinha *cl*, *pl* ou *fl*, o espanhol muitas vezes diz *ll*. *Chave* é *llave*. *Chuva* é *lluvia*. *Chamar* é *llamar*. Mas nem todo *ch* vem daí: use a regra como aposta, e confira.

O que o português fez com *ct*

Mais uma. Desta vez, o grupo latino está no meio da palavra.

latim	português	espanhol	italiano	francês	inglês
noctem	noite	noche	notte	nuit	night
octo	oito	ocho	otto	huit	eight
lactem	leite	leche	latte	lait	—

O grupo latino *ct* virou *it* em português, *ch* em espanhol, *tt* em italiano. Essa também é uma regra sua: onde você diz *-it-*, o espanhol muitas vezes diz *ch*. *Noite é noche, oito é ocho, leite é leche*.

E repare na última coluna: o inglês *night* e *eight* não vêm do latim, e sim do ramo germânico, mas são coderivados de *noite* e *oito*. Todos vêm das mesmas palavras protoindo-europeias. (O inglês *milk*, esse, **não** é parente de *leite*: vem de outra raiz. Por isso esse espaço da tabela ficou vazio.)

Atenção Você já conhece o *latte*: o café com leite das cafeterias. Em italiano, *latte* quer dizer simplesmente “leite”. Quando você pede um *latte*, está pedindo, literalmente, um leite.

O l e o n que caíram

Agora, uma regra que é só do português, e que muita gente que fala a língua nunca percebeu. Olhe:

latim	português	espanhol
lūna	lua	luna
volāre	voar	volar
colōrem	cor	color
dolōrem	dor	dolor
salīre	sair	salir

Onde o latim tinha um *l* ou um *n* entre duas vogais, o português muitas vezes o deixou cair. O espanhol o guardou. É como se o português tivesse soprado para longe a consoante do meio.

Isso também mexe com o código. O latim *lūna* tinha l·n, Λ·Ξ; a sua *lua* ficou só com o l, Λ. O espanhol *dolor* tem d·l·r; a sua *dor*, só d·r. A palavra encolheu, e uma classe foi embora com a consoante.

E isso dá a você mais um truque para o espanhol. Quando uma palavra portuguesa curta parecer ter perdido alguma coisa no meio, tente pôr de volta um *l* ou um *n* entre as vogais: *lua* → *luna*, *dor* → *dolor*, *voar* → *volar*. Não vai funcionar sempre; é uma aposta informada, como todas as regras deste capítulo.

A lei de Grimm: onde o inglês tem *f*, o português tem *p*

Agora vamos à viagem mais útil para você: a que separa o português do inglês.

As línguas germânicas — o inglês, o alemão, o holandês, o sueco — passaram, há mais de dois mil anos, por uma mudança em cadeia nas suas consoantes. Quem a descreveu, em 1822, foi Jacob Grimm, o mesmo dos contos dos irmãos Grimm. Por isso ela se chama **lei de Grimm**. O latim, ao contrário, não passou por essa mudança. Por isso, comparando palavras portuguesas (de origem latina) com palavras inglesas (de origem germânica), você pode ver a lei em ação.

Um conselho antes de começar: o português gastou bastante as suas palavras, e às vezes engole justamente a consoante que nos interessa. Quando isso acontece, eu dou a palavra latina entre parênteses. É com ela que você deve comparar.

Olhe estes grupos. Em cada um, procure qual consoante do portu-

guês corresponde a qual consoante do inglês.

Grupo 1.

português	inglês
pai (e <i>padre</i> ; latim <i>patrem</i>)	father
pé	foot
peixe	fish
cheio (latim <i>plēnus</i>)	full

Grupo 2.

português	inglês
dente	tooth
dois	two
dez	ten

Grupo 3.

português	inglês
coração (latim <i>cor</i>)	heart
corno	horn
cem (latim <i>centum</i>)	hundred
cão (latim <i>canis</i>)	hound (“cão de caça”)
quem	who

Grupo 4.

português	inglês
três	three

Grupo 5.

português	inglês
joelho (latim <i>genuculum</i>)	knee
conhecer (latim <i>cognōscere</i>)	know (antigamente se dizia <i>cnāwan</i>)

Encontrou? Onde o português (o latim) tem **p**, o inglês tem **f**. Onde tem **d**, o inglês tem **t**. Onde tem **k** (escrito *c* ou *qu*), o inglês tem **h**. Onde tem **t**, o inglês tem **th**. Onde tem **g**, o inglês tem **k** (escrito *c* ou *k*, mesmo que em *know* e em *knee* ele já não soe).

Atenção O português de hoje arma algumas armadilhas nestas tabelas. *Cem* soa com *s*, não com *k*; mas em latim *centum* se pronunciava *kéntum*: o *c* latino soava *k* até antes de *e* e de *i*, e o português mudou isso depois. *Joelho* soa com *j*, mas o latim *genuculum* tinha um *g*. *Pai* perdeu no caminho a consoante dos dentes. E, na pronúncia do Brasil, o *t* de *dente* soa *tch*; compare pela letra *t*, que é como o latim soava. Quando comparar com o inglês, pense em como a palavra latina soava.

Por que isso convém ao código

Aqui está o melhor. Repare em quais pares de sons a lei de Grimm troca:

- *p* e *f*: os dois são da classe dos lábios, Φ .
- *d* e *t*, *t* e *th*: os três são da classe dos dentes, Θ .
- *k* e *h*, *g* e *k*: todos são da classe do fundo, X .

A lei de Grimm quase nunca tira um som da sua classe! Ela troca a fantasia, não a pessoa. Por isso o código de *padre* e o de *father* são idênticos, $\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$, embora as letras sejam diferentes. E por isso as classes são um instrumento tão bom para ver parentescos entre as línguas latinas e o inglês: elas são feitas de tal modo que a maior mudança que separa os dois mundos fica, quase inteira, dentro de cada classe.

O seu *pai*, esse, ficou só com Φ . Mas não é culpa de Grimm: é o desgaste do português, que você viu no capítulo 4. A palavra-irmã, *padre*, guarda as três classes.

Do inglês ao alemão

Se você já sabe um pouco de inglês e quer aprender alemão, há outra regra que convém a você. O alemão passou por uma segunda mudança em cadeia, que o inglês não sofreu.

inglês	alemão
ten	zehn
two	zwei
tongue	Zunge
heart	Herz
water	Wasser
apple	Apfel
pepper	Pfeffer
make	machen
book	Buch
bread	Brot

Onde o inglês tem *t* no começo, o alemão tem *z* (que soa *ts*). Onde o inglês tem *t* no meio, o alemão muitas vezes tem *ss*. Onde o inglês tem *p*, o alemão tem *pf* ou *ff*. Onde o inglês tem *k*, o alemão tem *ch*. Onde o inglês tem *d*, o alemão tem *t*.

Aqui, ao contrário da lei de Grimm, algumas mudanças **tiram**, sim, o som da sua classe: o *t* de *ten* (Θ) virou o *ts* de *zehn*, que termina em assobio (Σ). Quando isso acontece, o código muda. Não é uma falha do método: é informação. Diz que essa mudança foi mais drástica.

Do português ao francês

Uma última, curta. Olhe:

português	francês
cantar	chanter
campo	champ
cavalo	cheval
cabra	chèvre
casa	chez

Onde o português tem *ca*, o francês muitas vezes tem *cha* ou *che*, com o som do seu *ch*. Aqui quem mudou foi o francês: o português guardou o *k* do latim. Leia a regra ao contrário, e ela trabalha para você: diante de uma palavra francesa com *ch-*, experimente uma palavra portuguesa com *ca-*.

Repare também no que essa mudança faz com o código: o *k* (X) virou *ch* (Σ). O som saiu da sua classe, como em *zehn*, e como no seu próprio *cl* que virou *ch*. O seu *cantar* e o francês *chanter* são parentes, mas os códigos já não coincidem. Isso também é informação.

A última linha é a minha preferida. O francês *chez* quer dizer “na casa de”: *chez moi*, na minha casa. Vem do latim *casa*, a mesma palavra que a sua *casa*. Ele se gastou tanto que acabou virando uma preposição.

As regras não são leis de ferro

Tudo o que você viu neste capítulo são **tendências com razões**, não leis absolutas. Há exceções. Algumas se explicam por uma regra mais fina (como o *f* de *fuego*). Outras, por um empréstimo: uma palavra que chegou depois que a regra já tinha agido, e por isso não passou por ela. Outras ainda não têm explicação.

Ensinar as correspondências a você como se fossem absolutas seria plantar uma confiança falsa. O jeito certo de usá-las é como uma **aposta informada**: elas ajudam a adivinhar, e depois você confere.

Desafio Usando a lei de Grimm, que palavra inglesa você esperaria que fosse coderivada de *pé*? Você já a conhece. E de *dente*? E de *corno*? Agora, no sentido contrário: o inglês *foot* tem, dentro do próprio inglês, um coderivado culto que você quase conhece. Dica: é uma palavra comprida para quem anda a pé, começa com *ped-*, e apareceu no capítulo 5. (Soluções: anexo B, exercício 6.2.)

Para ir mais longe Em 1875, o linguista dinamarquês Karl Verner explicou por que algumas palavras pareciam quebrar a lei de Grimm: dependia de onde caía o acento na palavra antiga. Foi um dos grandes momentos da ciência da linguagem, porque transformou uma lista de exceções numa regra mais profunda. Se você se interessar, procure “lei de Verner”.

No próximo capítulo, você vai encontrar essas regras reunidas por idioma, como um mapa de bolso para cada língua que quiser aprender.

Mapas de bolso

Este capítulo não é para ler de uma vez. É uma caixa de ferramentas: um mapa curto para cada idioma que você provavelmente vai querer aprender. Vá direto ao que serve para você, e volte quando começar outro.

Cada mapa tem quatro partes: a que distância esse idioma está do português, as regras que mais rendem, uma armadilha e uma dica de pronúncia.

A que distância está cada idioma?

Antes dos mapas, um dado que ajuda você a calibrar o que espera você. Os linguistas reuniram, para muitas línguas, como se dizem uns 170 conceitos básicos: coisas como *mão*, *água*, *dormir*, *vermelho*, *noite*. São palavras que toda língua tem e que se emprestam pouco. Com essa lista dá para medir que porcentagem dessas palavras básicas são co-derivados entre duas línguas: a mesma palavra herdada, com outro sotaque.

Estes são os números para o português, calculados sobre uma base de dados de especialistas chamada IE-CoR:

idioma	vocabulário básico que compartilha com o português por herança
espanhol	84%
catalão	78%
italiano	73%
francês	71%
romeno	59%
alemão	24%
russo	22%
inglês	20%

Ler bem esta tabela poupa você de muitas frustrações. Com o espanhol, mais de quatro em cada cinco palavras básicas são suas com outro sotaque: a sua tarefa é aprender as regras do sotaque. Com o inglês, só uma em cada cinco. Quer dizer que o inglês está perdido? Não. Quer dizer duas coisas.

A primeira: no vocabulário básico do inglês você vai ter que memorizar mais, e a lei de Grimm serve para essa quinta parte que é herança de verdade. A segunda: esta tabela só mede palavras básicas herdadas. Não conta as milhares de palavras cultas que o inglês tomou do latim e do francês, que são justamente as que você viu no capítulo 5. No vocabulário culto, o inglês está muito mais perto de você do que diz esse 20%.

Atenção Uma porcentagem alta não quer dizer que o idioma seja fácil de **falar**. O espanhol se lê quase de graça a partir do português, mas a pronúncia dele tem sons que você não tem, e não tem sons que você usa o tempo todo, como as vogais nasais. O trabalho muda de lugar: da memória para o ouvido.

Mapa do inglês

Distância: distante no vocabulário básico (20%), próximo no vocabulário culto.

Regras que mais rendem:

1. **A lei de Grimm** (capítulo 6), para o fundo germânico: $p \rightarrow f$ (*padre/father*, *peixe/fish*, *pé/foot*), $d \rightarrow t$ (*dente/tooth*, *dez/ten*), $k \rightarrow h$ (*coração/heart*, *cornol/horn*), $t \rightarrow th$ (*três/three*), $g \rightarrow k$ (*gélido/cold*). É ela que abre para você o vocabulário básico.
2. **A camada culta** (capítulo 5): se uma palavra inglesa comprida se parece com uma palavra sua, provavelmente são primas. Muitas vezes é o contrário do que você espera: as palavras chiques do inglês são as suas palavras de todo dia. *Paternal* é de *pai*, *nocturnal* é de *noite*, *dental* é de *dente*, *ocular* é de *olho*, *filial* é de *filho*, *ferrous* é de *ferro*.
3. **Terminações que viajam em bloco.** O *-tion* inglês é o seu *-ção* (*nation/nação*). O *-ty* é o seu *-dade* (*university/universidade*). O *-ous* é o seu *-oso* (*famous/famoso*).
4. **Ponha um *e* na frente.** Onde o inglês começa com *s* + consoante, o português costuma pôr um *e*- antes: *school/escola*, *state/estado*, *student/estudante*.
5. **Letras de enfeite.** O *ph* inglês é o seu *f* (*philosophy/filosofia*), e o *th* das palavras cultas costuma ser o seu *t* (*theater/teatro*).
6. **Procure o latim atrás da sua palavra herdada.** Se *filho* não leva você a nada em inglês, tente o parente culto: *filial*. Se *noite* não leva você a nada, pense em *noturno*.

Armadilha: os falsos amigos do tipo 1, parentes que mudaram de profissão (capítulo 5). *Push* e *puxar* vêm os dois do latim *pulsāre*, mas *push* quer dizer **empurrar**: o contrário! *Exquisite* é requintado, não esquisito. *Parents* são pai e mãe, não parentes. *Library* é biblioteca, não livraria. *Actually* é “na verdade”, não atualmente. E os do tipo 2, que nem parentes são: *fire* não vem de *fogo*, nem *much* de *mucho*, nem *day* de *dia*.

Pronúncia: o inglês escreve muitas letras que não soam (*know*, *knight*, *walk*) e muda muito de um país para outro. Escolha um sotaque de referência — o americano ou o britânico — e tire seus esqueletos desse sotaque. Lembre que no britânico muitos *r* finais não soam: *mother* tem esqueleto *m · th*. E quatro coisas pedem treino especial. O *th*, que você não tem. O *h* de *house* e *hair*, que se pronuncia de verdade: ele soa quase como o seu *rr* de *carro*, então use isso. A diferença entre vogais longas e curtas (*sheep*, ovelha; *ship*, navio). E as consoantes finais, que terminam secas: *club* é *club*, não “clubi”; *milk* é *milk*, não “milki”.

Mapa do espanhol

Distância: o mais próximo de todos (84%).

O espanhol é o seu espelho. As regras do capítulo 6, que você aprendeu olhando a sua língua, aqui se leem ao contrário.

Regras que mais rendem:

1. **O seu *f* é o *h* mudo dele.** O português guardou o *f* que o espanhol perdeu: *filho/hijo*, *ferro/hierro*, *fazer/hacer*, *farinha/harina*, *fio/hilo*, *folha/hoja*, *forno/horno*.
2. **O seu *ch* é o *ll* dele**, quando vem de *cl*, *pl*, *fl* latinos: *chave/llave*,

chuva/lluvia, chama/llama, chamar/llamar, cheio/lleño.

3. **O seu *it* é o *ch* dele**, quando vem de *ct* latino: *noite/noche, oito/ocho, leite/leche.*
4. **O *l* e o *n* que você perdeu, o espanhol guardou.** Entre vogais, o português deixou cair muitos *l* e *n*; o espanhol não: *lua/luna, voar/volar, cor/color, dor/dolor, sair/salir.*
5. **Ditongos a mais.** Onde você tem *o* ou *e*, o espanhol muitas vezes tem *ue* ou *ie*: *novo/nuevo, neve/nieve.*
6. **O seu *-ção* é o *-ción* dele:** *canção/canción, nação/nación.*

Armadilha: *exquisito* em espanhol quer dizer **delicioso**, requintado. O seu *esquisito* quer dizer estranho. É a mesma palavra latina, que em cada língua acabou num emprego diferente: dois parentes que viraram falsos amigos entre si. Um falso amigo sempre depende do par. E cuidado com *embarazada*: quer dizer **grávida**.

Pronúncia: o difícil do espanhol não é entender, é não falar “portunhol”. A *jota* (*hijo, jirafa*) se faz no fundo da garganta, parecida com o seu *rr* de *carro*. Não há vogais nasais: em *canción* e em *son*, o *n* soa inteiro, acordado. O *t* e o *d* diante de *i* continuam *t* e *d*: *tío* não é “tchío”, *día* não é “djía”. O *l* no fim da sílaba é *l* de verdade: *sal* não é “sau”. O *ll* e o *y* mudam muito de país para país. O *z* e o *c* (antes de *e, i*) soam como *s* na América e como o *th* inglês em boa parte da Espanha. Escolha um sotaque e fique com ele.

Mapa do francês

Distância: próximo no papel (71%), mais longe no ouvido.

Regras que mais rendem:

1. **O seu *ca* é o *cha* ou *che* dele:** *cantar/chanter, campo/champ, cavalo/cheval, cabra/chèvre, casa/chez.*
2. **O *f* está dos dois lados:** *fazer/faire, filho/fils, ferro/fer, farinha/farine.*
3. **O *it* também é dele,** quando vem de *ct* latino: *noite/nuite, oito/huit, leite/lait.*
4. **Os grupos *cl, pl, fl* se conservam,** onde você tem *ch*: *chave/clé, chuva/pluie, chama/flammé, cheio/plein.*
5. **O chapéu esconde um *s*.** Muitas palavras francesas perderam um *s* que você ainda tem, e o francês costuma marcar essa perda com um acento circunflexo: *festa/fête, hospital/hôpital.* O *é-* do começo às vezes marca a mesma perda: *escola/école, estado/état.* Quando vir um circunflexo, tente pôr um *s* depois da vogal.

Armadilha: o francês escreve muitas consoantes que já não pronuncia, sobretudo no final. Se você tirar o esqueleto da escrita, ele vai sair mais comprido que o da boca. *Front* se escreve com cinco letras e se diz *frô*: o esqueleto é *f · r*. Lembre a regra do capítulo 2: manda o som.

Pronúncia: boa notícia primeiro: o francês tem **vogais nasais**, e essas você já tem. Isso é uma vantagem real sobre quem fala espanhol. O novo são as vogais arredondadas (o *u* de *lune*, o *eu* de *feu*) e um *r* feito no fundo da garganta. Escute muito antes de falar.

Mapa do italiano

Distância: muito próximo (73%).

Regras que mais rendem:

1. **O f está dos dois lados:** *fazer/fare, filho/figlio, farinha/farina*.
2. **O seu ch é o chi, pi ou fi dele:** *chave/chiaave, chamar/chiamare, cheio/pieno, chama/fiamma*.
3. **O seu it é o tt dele,** quando vem de *ct*: *noite/notte, oito/otto, leite/latte*.
4. **Consoantes dobradas.** O italiano pronuncia dobradas muitas consoantes (*notte, latte, fiamma*). Ao tirar o esqueleto, conte cada consoante dobrada uma vez só.

Armadilha: *burro* em italiano é manteiga. *Caldo* quer dizer quente, não sopa (e aqui está de novo a bússola do capítulo 4: o mesmo código do inglês *cold*, X·Λ·Θ, do lado do calor). *Salire* é subir, não sair.

Pronúncia: o italiano tem vogais claras e um ritmo próximo do seu. O novo são as consoantes dobradas, que se seguram um instante a mais: *pala* (pá) não é *palla* (bola). Treine-as desde o começo.

Mapa do alemão

Distância: distante a partir do português (24%), mas muito próximo a partir do inglês (56% do vocabulário básico compartilhado). Se você já sabe um pouco de inglês, use-o como ponte.

Regras que mais rendem:

1. **A partir do português, a lei de Grimm,** igual ao inglês: *pa-dre/Vater, pé/Fuß, peixe/Fisch, cheio/voll, três/drei, cão/Hund, gelado/kalt*.

2. **A partir do inglês, a segunda mudança** (capítulo 6): *ten/zehn, two/zwei, water/Wasser, heart/Herz, tongue/Zunge, apple/Apfel, pepper/Pfeffer, make/machen, book/Buch, bread/Brot*.
3. **O *v* alemão soa *f***: *Vater* é “fáter”. E o *w* soa *v*: *Wasser* é “vässer”. O *h* se pronuncia. Tire o esqueleto do som.

Armadilha: *Gift* em alemão é veneno, não presente (embora seja parente, sim, do inglês *gift*). *Rat* é conselho, não rato.

Pronúncia: o alemão tem o *ch* suave de *ich* e o *ch* áspero de *Buch*, as vogais com trema (*ü, ö, ä*) e um jeito muito marcado de separar as palavras. É um idioma que se entende melhor quando você lê em voz alta do que quando lê calado.

Desafio Escolha o idioma deste capítulo que mais interessa a você. Procure dez palavras desse idioma que você não conheça, em qualquer texto (uma música, uma notícia, um cardápio). Para cada uma, tente adivinhar o significado usando só as regras do mapa dele. Depois confira. Anote quantas você acertou. Guarde o número: no capítulo 8 eu digo o que fazer com ele.

Para ir mais longe Os números da tabela do começo saem de um projeto de pesquisa que quer construir, para cada par de línguas, um manual de “aprender decifrando”: em vez de aprender a língua nova do zero, aprender a transformação que converte a sua língua na outra. Já existem manuais assim para vários pares de línguas. O de espanhol para português começa com uma frase que, traduzida, diz mais ou menos isto: você já sabe espanhol, e essa é a sua cola.

O método, passo a passo

Por que a memória ama as conexões

Volte à cena do começo do manual: a lista de inglês que você esquece no dia seguinte. Não é que você tenha memória ruim. É que a memória humana não foi feita para guardar dados soltos. Ela foi feita para guardar **relações**.

A psicologia da memória estuda isso há mais de um século, e os resultados batem. Três deles importam para você:

1. **O que se conecta fica.** O que você processa a fundo — o que você relaciona com algo que já sabe — é lembrado muito melhor do que o que você repete no vazio. Os psicólogos chamam isso de *processamento profundo*.
2. **O que você produz fica mais do que o que você lê.** Se você mesmo gera uma resposta, mesmo chutando, lembra dela melhor do que se alguém der a você pronta. Chama-se *efeito de geração*.
3. **O que você revisa espaçado fica mais do que o que você revisa de uma vez.** Estudar dez minutos durante cinco dias funciona melhor do que cinquenta minutos numa noite só. Chama-se *efeito de espaçamento*.

O trabalho com códigos aproveita os três ao mesmo tempo. Quando você descobre que *foot* é *pé* pela lei de Grimm, você não está lendo um dado: está **gerando** esse dado a partir de algo que já sabia. E a regra que você usou ($p \rightarrow f$) serve depois para *peixe/fish* e *padre/father*. Cada palavra nova chega conectada a uma velha e a uma regra. Ela não chega mais sozinha.

A ideia central deste capítulo cabe numa frase: **a velocidade não vem de aprender cada palavra mais rápido, mas de parar de aprendê-las uma por uma.**

Seis movimentos

O que vem a seguir são seis técnicas. Eu as dou como ferramentas, não como dogma. Cada uma traz sua advertência, porque um método que só enumera suas virtudes está mentindo.

1. Comece pelo que você quase já sabe

Não comece pelas mil palavras mais frequentes do idioma novo. Comece pelos **coderivados**: as palavras que você quase já sabe sem saber. Tire o esqueleto delas e ponha cada uma ao lado da sua gêmea em português, seja ela uma palavra de todo dia ou uma palavra culta.

Advertência: aqui espreitam os falsos amigos. O terreno fértil e o terreno minado são o mesmo campo. Use o teste do capítulo 5.

2. Aprenda escadas, não degraus

Não decore *Fuß* = *pé*. Decore a correspondência $p \rightarrow f$ e deixe que ela abra a porta para *Fisch/peixe* e *Vater/padre*. Uma regra, muitas palavras.

Advertência: as correspondências têm exceções. Se você as tratar

como absolutas, vai inventar palavras que não existem. Use-as para apostar, e depois confira.

3. Pendure as vogais no esqueleto

Quando aprender uma palavra nova, fixe primeiro as consoantes, que são a parte estável, e depois ajuste as vogais. Lembrar uma armação e pendurar as vogais nela é mais fácil do que lembrar uma sequência inteira de letras.

Advertência: em algumas línguas as vogais fazem trabalho de gramática. Em alemão, *singen, sang, gesungen* (cantar, cantou, cantado) têm o mesmo esqueleto e só mudam as vogais, exatamente como o inglês *sing, sang, sung*. Se você ignorar as vogais, perde o tempo do verbo.

4. Deixe o uso decidir

Quando uma palavra pode significar duas coisas, não decida você. Procure-a em frases reais: músicas, séries com legenda, notícias. O código diz onde olhar; o uso diz o que tem lá.

Advertência: esta é a técnica mais difícil e a mais importante. Sem ela, o jogo vira adivinhação.

5. Duvide por um segundo

Antes de guardar uma conexão na memória, pergunte a si mesmo: *isto é parentesco de verdade, ou eco por acaso?* Um segundo de dúvida deliberada.

Advertência: isso freia o entusiasmo, e o entusiasmo é bom. Mas sem esse freio o entusiasmo faz você guardar erros muito convincentes.

6. Volte à regra com dias de intervalo

Volte à mesma correspondência em contextos novos: hoje com três palavras, daqui a três dias com outras três, daqui a uma semana com outras. Assim a regra vira estrutura, e não truque de um dia.

Advertência: é chato. Vai contra a emoção do “aha!”. Faça mesmo assim.

Pontos de acesso escondidos

Existe um recurso que quase ninguém usa e que pode poupar você de muito trabalho. Às vezes uma palavra do idioma novo não se parece com nenhuma palavra sua de todo dia, mas **é**, sim, coderivada de uma palavra sua. Pode ser uma palavra que você usa pouco: uma palavra culta, antiga, técnica. Ou pode ser uma palavra que você diz o tempo todo, mas que ficou disfarçada, porque perdeu uma letra ou porque um som mudou por uma regra. Essa outra palavra é um **ponto de acesso**: um gancho que você já tem na cabeça.

Para o inglês, o primeiro depósito de ganchos é a camada culta. Lembra do capítulo 5? As palavras chiques do inglês são as suas palavras de todo dia, e muitas vezes a ponte entre as duas é uma palavra culta do português:

palavra inglesa	sua palavra de todo dia	seu ponto de acesso
paternal	pai	paterno
maternal	mãe	materno
nocturnal	noite	noturno
dental	dente	dental, dentista
ocular	olho	óculos
pedestrian	pé	pedestre
capillary	cabelo	capilar (o do xampu)
filial	filho	filial
ferrous	ferro	ferro: você já tem!

O segundo depósito é o fundo germânico do inglês. Aí o disfarce é a lei de Grimm, que mudou as consoantes. O gancho, às vezes, é uma palavra sua que você nem imaginava:

palavra inglesa	seu ponto de acesso	o que faz você passar
father	padre (não <i>pai</i> : <i>padre</i> guardou o osso)	Grimm: $p \rightarrow f$
foot	pé	Grimm: $p \rightarrow f$
tooth	dente	Grimm: $d \rightarrow t$
horn	corno	Grimm: $k \rightarrow h$
hound (cão de caça)	cão, e a palavra culta <i>canino</i> , que guarda o <i>k</i>	Grimm: $k \rightarrow h$
knee	joelho	Grimm: $g \rightarrow k$ (o <i>g</i> latino virou <i>j</i> em <i>joelho</i> , e o <i>k</i> de <i>knee</i> já não se pronuncia)

Para o espanhol, a regra que mais rende é a do *h* mudo: onde o

espanhol tem um *h* que não soa, você costuma ter um *f* bem vivo.

palavra espanhola	seu ponto de acesso	o que faz você passar
hijo	filho	$f \rightarrow h$
hacer	fazer	$f \rightarrow h$
harina	farinha	$f \rightarrow h$
hilo	fio	$f \rightarrow h$
hoja	folha	$f \rightarrow h$
llave	chave	$ch \leftrightarrow ll$
noche	noite	$it \leftrightarrow ch$

Experimente O inglês *feast* não se parece com nenhuma palavra inglesa que você conheça, mas tem um ponto de acesso na sua língua. Pista: tire o esqueleto, $f \cdot s \cdot t$, e pense em algo que se comemora. Depois, o espanhol *hierro*: você já cruzou com a regra dele no exercício do capítulo 6. Qual é o ponto de acesso em português? (Soluções: anexo B, exercício 8.1.)

Frases-ponte

Uma **frase-ponte** é a sua própria língua dobrada em direção à outra. Você pega palavras reais da sua língua, às vezes menos comuns, escolhidas para que a frase se alinhe quase palavra por palavra com o idioma que você aprende. Não é o jeito mais natural de dizer, mas deixa você atravessar para o outro idioma pelo caminho mais curto.

Trabalha-se em três linhas: a frase no idioma novo, a frase-ponte e a frase natural. Dois exemplos com o espanhol:

Experimente Leia as três linhas em voz alta, em ordem.

Espanhol: *Ella se puso contenta cuando encontró las llaves.*

Ponte: *Ela se pôs contente quando encontrou as chaves.*

Natural: *Ela ficou contente quando achou as chaves.*

Espanhol: *Mi familia habita una casa antigua.*

Ponte: *Minha família habita uma casa antiga.*

Natural: *Minha família mora numa casa velha.*

Viu o que acontece? A frase-ponte usa palavras que você tem mas quase não usa (*se pôs contente, habita, uma casa antiga* em vez de *velha*), e com elas o espanhol fica transparente. *Chaves* e *llaves* vêm da mesma palavra latina: é a regra do *ch* e do *ll* que você viu no mapa do espanhol, no capítulo 7. A frase-ponte não ensina só palavras: ensina você a se mover com o ritmo e a ordem do outro idioma.

Desafio Construa uma frase-ponte do inglês para o português. Escolha uma frase inglesa simples que tenha pelo menos duas palavras de origem latina (por exemplo, com *visit, family, problem, important*). Escreva a ponte e a natural. Cuidado com os falsos amigos: a ponte tem que dizer o mesmo que o original.

Um plano de uma semana

Vinte minutos por dia. Não mais. O que conta é a constância, não o heroísmo.

dia	o que você faz
segunda	Escolhe uma regra do mapa do seu idioma (capítulo 7) e procura dez palavras que a cumpram. Escreve cada uma com seu esqueleto.
terça	Conversão: cobre a coluna do idioma novo e tenta produzir cada palavra a partir do seu português, usando a regra. Depois confere.
quarta	Escuta: procura as dez palavras em áudio (um dicionário on-line, uma música, um vídeo) e repete em voz alta.
quinta	Uso: encontra pelo menos três das dez em frases reais. Anota a frase.
sexta	Frase-ponte: monta uma ou duas com as palavras da semana.
sábado	Descanso. Sério.
domingo	Prova sem andaime: veja a seção seguinte.

Na semana seguinte você escolhe outra regra, mas na terça e na quinta volta também a três palavras da semana anterior. Assim a revisão fica espaçada sem que você precise pensar nisso.

Funciona ou só me faz sentir bem?

É uma pergunta séria, e você precisa fazê-la. Sentir que um idioma tem ordem motiva muito, e a motivação ajuda a aprender. Mas também pode enganar você: você pode sentir que avança sem avançar.

Há um jeito simples de distinguir. Chama-se **retirar o andaime**. No domingo, sem olhar suas anotações e sem pensar na regra, tente dizer ou escrever as palavras da semana no idioma novo, a partir do

português. Se saírem, houve aprendizado de verdade: a estrutura ficou mesmo depois que você tirou o apoio. Se não saírem, o que havia era sugestão: a sensação de entender, sem a capacidade de usar.

Anote quantas saem a cada domingo. Se você fez o desafio do capítulo 7, já tem um primeiro número para comparar. Esse número é seu, e é mais honesto do que qualquer promessa deste manual.

O que este método não é

Não substitui a prática. O trabalho com códigos não briga com o ensino tradicional. Você precisa também de memória, repetição, conversa com gente, errar em voz alta. O código dá a você uma estrutura onde pendurar tudo isso; ele não faz o trabalho por você.

Não exige que você saiba história. Para *falar* um idioma, basta brincar de aprendê-lo. Você não precisa saber o que é o protoindo-europeu nem o nome de cada lei. Há estudantes que querem falar, não saber, e isso é completamente válido. Tire deste manual a quantidade de história que serve para você, e nem um grama a mais. A profundidade é um luxo para quem a quer e um estorvo para quem não quer. O método está a serviço de quem aprende, não o contrário.

Não funciona igual com todos os idiomas. Funciona melhor quanto mais aparentado o idioma estiver com o seu. Com o espanhol é quase um atalho; com o inglês é uma ajuda séria para uma parte do vocabulário básico, e para muito mais graças à camada culta. E com os idiomas que não são parentes do português? Esse é o assunto do próximo capítulo.

Para ir mais longe Se você é professora ou professor e está lendo isto: a ordem que funciona melhor é primeiro **reconhecer** e depois **produzir**. Ensine primeiro as regras das consoantes, que permitem decifrar o que se ouve e o que se lê; depois pratique a conversão ativa. Ensine os falsos amigos explicitamente, como as falhas das regras. E fixe um sotaque de referência desde o primeiro dia. Onde você não conhecer a história de uma palavra, diga isso: é melhor um mistério declarado do que uma etimologia inventada.

Quando não há parentes

Mais longe do que você imagina

Antes de falar das línguas que não são parentes do português, vale a pena perceber até onde chegam as que são. Olhe esta tabela:

português	espanhol	persa (Irã)	sânscrito (Índia antiga)	russo
pai, padre	padre	pedar	pitṛ	—
mãe	madre	mādar	mātṛ	mat’
três	tres	—	tri	tri
noite	noche	—	—	noch’
novo	nuevo	—	—	novyj

O persa é falado a milhares de quilômetros do Brasil. E, no entanto, a palavra dele para *pai* tem exatamente o mesmo esqueleto que o seu *padre*: $p \cdot d \cdot r$. A palavra para *mãe* tem o mesmo esqueleto que *madre*: $m \cdot d \cdot r$. Lembra do capítulo 1? O seu *pai* e o seu *padre* são a mesma palavra latina, *patrem*; o *pai* gastou o osso no caminho até ficar só com o *p*, e a sua *mãe* ficou só com o *m* de *mātre*m. O persa, não: guardou a consoante do meio. Isso não é acaso nem empréstimo. É herança: o persa, o sânscrito, o russo, o espanhol e o português são ramos da

mesma árvore indo-europeia.

Isso quer dizer que o método deste manual não acaba no espanhol e no inglês. Ele chega, com mais esforço, ao russo, ao híndi, ao persa. Quanto mais longe está o ramo, menos coderivados existem e mais gastos eles estão, mas o mapa continua sendo o mesmo.

A borda do mapa

Agora sim: o que acontece com o náhuatl, o árabe, o japonês, o chinês, o maia, o tupi? Nenhum desses idiomas pertence à família indo-europeia. Cada um pertence a outra família, com sua própria história de milhares de anos.

A endolinguística chama de **macrossistema** cada uma dessas grandes famílias vista como um sistema. O indo-europeu é um macrossistema. O semítico (ao qual pertencem o árabe e o hebraico) é outro. O uto-asteca (ao qual pertence o náhuatl) é outro. O sino-tibetano (ao qual pertence o chinês) é outro. E o tupi, a língua que deu ao português palavras como *maracujá*, pertence a mais outro.

E há uma regra que não se quebra: **os macrossistemas não se misturam**. Não se compara um código do português com um do árabe como se fossem da mesma língua, porque não são. Há duas razões.

A primeira é a história. Entre o português e o árabe não há coderivados de herança. Se você encontrar uma palavra árabe parecida com uma portuguesa, ou é um empréstimo (como *azeite* ou *almofada*, que você vai ver daqui a pouco), ou é uma coincidência sem história comum: o que no capítulo 12 você vai chamar de convergência. Parentesco de herança não há.

A segunda razão é mais profunda. No capítulo 3 eu disse a você

que as classes são de uma família de línguas: a região da boca é a mesma no mundo inteiro, mas a sensação que um grupo de sons produz, e o jeito como os sons se agrupam, pode mudar de um macrosistema para outro. Quando neste programa de pesquisa se mediu se o campo de sentido de um código indo-europeu aparece também em outras famílias, coincidiu muito poucas vezes: menos de uma em cada dez. O que se parece de fato entre as famílias é algo mais básico: que as línguas organizam o sentido com padrões de consoantes. O como, cada família faz do seu jeito.

Atenção Se alguém disser a você que uma palavra japonesa e uma portuguesa “têm o mesmo código, então no fundo significam a mesma coisa”, desconfie. Essa pessoa está misturando macrosistemas. A semelhança pode ser real e valer a pena anotar, mas não é parentesco, e não prova sozinha que as palavras signifiquem a mesma coisa.

Empréstimos que cruzaram a borda

As palavras, porém, atravessam a borda do mapa, mesmo quando as línguas não são parentes. Elas viajam como empréstimos, e o português está cheio deles.

O árabe deixou muitos na sua casa. Um está na cozinha: *azeite*, do árabe *az-zayt*. Outro está no sofá: *almofada*, do árabe *al-miḡadda*. Olhe o começo das duas palavras árabes: *az-* e *al-*. É o artigo árabe, “o”, que viajou grudado no nome, e que diante de certos sons, como o *z*, soa *az-*. Na sua boca, aliás, o *l* de *almofada* virou *u*, como todo *l* no fim de sílaba no Brasil: a palavra árabe chegou e se adaptou ao seu sotaque, como tudo que chega.

São empréstimos, não coderivados. Ligam o português ao árabe por uma estrada, não por uma árvore genealógica.

O que viaja: o jeito de olhar

Então o manual não serve para esses idiomas? Serve, mas de outra forma. O que não viaja são os códigos concretos e seus campos. O que viaja é **o jeito de olhar**: procurar o esqueleto, perguntar o que é raiz e o que é acréscimo, suspeitar que atrás de uma lista de palavras há uma ordem, e procurar essa ordem **dentro** do sistema do idioma novo, não no seu.

Vou dar a você alguns exemplos.

O árabe: uma língua de esqueletos

O árabe é o melhor exemplo de que a ideia de esqueleto não é invenção deste manual. Em árabe, muitas palavras se constroem a partir de uma **raiz** de três consoantes, e o significado se modula pondo vogais e acréscimos em volta. Olhe a raiz *k-t-b*, que tem a ver com escrever:

palavra árabe	o que quer dizer	como se constrói
kataba	escreveu	a raiz com as vogais <i>a-a-a</i>
kātib	escritor, quem escreve	a raiz no molde de quem faz a ação
kitāb	livro	a raiz em outro molde
maktab	escritório, escrivaninha: o lugar onde se escreve	<i>ma-</i> + a raiz: molde de lugar
maktaba	biblioteca, livraria	o lugar de escrever, com outra terminação

Todas levam *k · t · b* na mesma ordem. As vogais e o *ma-* do começo não fazem parte da raiz: são moldes, peças de gramática, e cada molde diz alguma coisa (quem faz, o lugar onde se faz). Quem aprende árabe

aprende logo a ver as três consoantes por baixo, e cada raiz nova abre para ele uma família inteira de palavras.

É por isso que o árabe e o hebraico se escrevem sobretudo com consoantes, como você viu no capítulo 2. Para quem fala a língua, é o esqueleto que carrega o sentido, e as vogais ficam por conta da gramática.

Isso quer dizer que $k \cdot t \cdot b$ tem algo a ver com alguma palavra portuguesa com essas consoantes? Não. O árabe é outro macrossistema. O que você leva do árabe não é um código, e sim a confirmação de que olhar o osso funciona também ali, com os ossos *daquele* sistema.

O náhuatl: o que chegou pelo espanhol

O náhuatl, a língua dos astecas, não é parente nem do português nem do espanhol. Mas vive ao lado do espanhol há quinhentos anos e, pelo espanhol, deixou um presente na sua cozinha. Olhe:

náhuatl	espanhol	português
tomatl	tomate	tomate
āhuacatl	aguacate	abacate
chocolātl	chocolate	chocolate
coyotl	coyote	coiote

São empréstimos, e fizeram uma viagem dupla: do náhuatl para o espanhol, e do espanhol para o português. Olhe o final. As palavras em náhuatl terminam em *-tl*; as espanholas terminam em *-te*. Não é acaso: *-tl* é uma terminação muito frequente dos substantivos em náhuatl, e o espanhol, que não tem esse som no fim das palavras, adaptou-a sempre do mesmo jeito. É uma regra de empréstimo: uma

correspondência, como as do capítulo 6, só que entre línguas que não são parentes. O português recebeu as palavras já com *-te*, e as guardou assim. E na sua boca elas ganharam mais uma camada: com o sotaque do Brasil, esse *-te* final soa *tchi* (capítulo 2).

Se um dia você estudar náhuatl, vale saber que esse *-tl* não é parte da raiz: é um acréscimo, mais ou menos como o *-s* do plural em português. *Toma-*, *āhuaca-*, *chocolā-* são o que sobra quando você o tira. E a partir daí o que você tem que aprender são as estruturas do náhuatl, de dentro do náhuatl.

O tupi: o que ficou em casa

O náhuatl é o vizinho da casa do espanhol. O seu vizinho é outro: o **tupi**. Desde a chegada dos portugueses, o tupi viveu lado a lado com o português, e deixou muitas palavras, entre elas nomes de bichos e de frutas de uma terra que os europeus não conheciam.

tupi	português
marakuíá	maracujá

De novo: são empréstimos, não coderivados. O tupi não é parente do português. Mas repare, no exercício abaixo, como os esqueletos costumam chegar quase inteiros. Quando uma palavra atravessa de um macrossistema para outro, ela se adapta aos sons da língua que a recebe, mas o osso muitas vezes passa.

E aqui vai uma lição de honestidade, que vale para este livro inteiro. Você vai ouvir muitas vezes que *pipoca* vem do tupi, e talvez também que *abacaxi* vem. Pode ser. Mas a origem das duas é **incerta**: no caso de *pipoca*, a palavra tupi que supostamente estaria na origem

não aparece nos registros antigos da língua. Repetir uma etimologia muitas vezes não a torna verdadeira. Quando a história de uma palavra não está documentada, o certo é dizer “não se sabe”, e não afirmar mais do que se sabe.

Experimente Procure *jacaré*, *capivara* e *tatu* no Wikcionário (pt. wiktionary.org) ou num dicionário com etimologia, como o Houaiss. Perto do começo ou do fim de cada verbete aparece de onde a palavra vem. De que língua vêm as três? Que palavra de origem o dicionário dá para cada uma? Compare os esqueletos: o que mudou e o que ficou? (Soluções: anexo B, exercício 9.1.)

Aprender um sistema por dentro

Quando não há coderivados que sirvam de âncora, o trabalho muda de forma. Já não se trata de reconhecer as suas palavras com outro sotaque. Trata-se de aprender **como o sistema pensa**: como ele constrói as palavras, que partes são raiz e que partes são molde, que sons ele agrupa, que distinções importam para ele. No árabe, as raízes de três consoantes e os moldes. No chinês, o tom, que faz parte da palavra (você vai ver isso no próximo capítulo). No náhuatl, as terminações e o costume de juntar raízes para fazer palavras compridas.

Essas estruturas também se descobrem estudando os códigos desse sistema: seus esqueletos, suas raízes, suas repetições. Mas se descobrem **dentro** dele.

E aqui há uma pergunta que não tem resposta fácil, e que eu deixo aberta para você. Quando alguém que fala português estuda como “pensa” uma língua de outro macrossistema, como sabe que está descobrindo algo dessa língua, e não projetando nela o seu próprio jeito de pensar? Decifrar o pensamento de outro povo e pôr o seu por cima

se parecem demais. A única coisa que ajuda é a humildade: perguntar a quem fala essa língua desde criança, comparar, e não confundir o que parece a você com o que é.

Para ir mais longe Há muitíssimas famílias de línguas no mundo. Só no México se falam 68 línguas indígenas, agrupadas em onze famílias diferentes, segundo o Instituto Nacional de Línguas Indígenas do México (INALI). O náhuatl é só uma delas. O Brasil também tem muitas línguas indígenas, de famílias diferentes; o tupi, que deu a você *jacaré* e *capivara*, é só uma delas. Cada uma é um macrossistema com seu próprio jeito de organizar o sentido, e quase todas ainda esperam que alguém as estude com cuidado deste ponto de vista.

Na Parte III deixamos por um momento o esqueleto e vamos para a carne: as vogais, o ritmo, o tom, tudo o que a voz diz além das consoantes.

PARTE III

A música da voz

Osso, cor e música

O que o esqueleto deixa de fora

Durante nove capítulos, trabalhamos com o osso. Valeu a pena: com o esqueleto e as classes, você consegue ver parentescos que antes eram invisíveis. Mas todo método focaliza, e ao focalizar deixa coisas de fora. Quem olha só o esqueleto de uma palavra pode deixar de ouvir a sua música: o tom, o ritmo, a emoção com que ela é dita.

Esta parte do manual vai buscar o que deixamos de fora. A disciplina que estuda isso se chama **psicofonologia**: o estudo do som da linguagem como algo que acontece, ao mesmo tempo, na estrutura, no tempo e na mente. É uma proposta minha, que trabalha em aliança com a endolinguística. A endolinguística estuda o osso; a psicofonologia estuda a carne e a voz.

Um “não”, três vezes

Vamos começar por um experimento que você pode fazer agora mesmo. Diga a palavra *não* de três jeitos:

1. Um *não* seco, duro, curto. Uma porta que bate.
2. Um *não* comprido, que hesita, que sobe e desce. Um não que ainda está se decidindo.

3. Um *não* pequeno, suave, quase em voz baixa. Um não que é meio súplica.

É a mesma palavra: um *n* e uma vogal nasal (o *ão*, em que nenhuma outra consoante soa, como você viu no capítulo 2). Para a gramática, os três são idênticos. E, no entanto, quem ouve você sabe perfeitamente qual deles você disse, e sabe sobre você uma coisa que a palavra não diz.

Onde está a diferença? A psicofonologia diz que todo som da linguagem vive em **três planos ao mesmo tempo**:

1. **O plano da estrutura:** quais sons são, em que ordem. Aqui, os três *não* são iguais.
2. **O plano da música:** o ritmo, a duração, a melodia da voz, onde ela sobe e onde desce. Aqui, os três são diferentes.
3. **O plano da mente:** a intenção, a emoção, a tensão de quem fala, e o que isso produz em quem escuta. Aqui está a causa da diferença.

Os três planos não são camadas que se possam separar e estudar cada uma do seu lado. São três maneiras de olhar um único ato. Quando alguém diz *não*, diz as três coisas ao mesmo tempo, e quem escuta as recebe ao mesmo tempo.

As consoantes desenharam, as vogais colorearam

No capítulo 2, eu disse que as consoantes são como um contorno e as vogais como uma cor. Agora podemos levar essa imagem a sério.

Uma consoante é um **evento**: um corte, uma borda, um instante. Por isso as consoantes podem ser contadas e combinadas, e por isso é com elas que se constroem os códigos. Uma vogal é um **estado**: a boca aberta numa forma, sustentada, soando. As vogais não cortam o ar: elas o colorem.

E as vogais podem se mover sem saltos. Entre o *i* e o *a* há uma infinidade de posições intermediárias; você pode deslizar de um para o outro sem cortar. Entre o *p* e o *t*, ao contrário, não há nada: ou você fecha os lábios ou não fecha. As consoantes são como as teclas de um piano; as vogais, como o som de um violino, que pode subir aos pouquinhos.

Por isso a psicofonologia diz que a vogal é um **operador de qualidade**. Ela não muda o esqueleto da palavra: dá a ele uma cor. Três vogais marcam os cantos desse espaço de cor, e são as mesmas que aparecem nos cantos de todos os esquemas de vogais que os linguistas usam:

- **A** (como em *pá*): a boca mais aberta. Amplitude, abertura, para fora.
- **I** (como em *vi*): a língua alta e para a frente, a boca quase fechada. O pequeno, o agudo, o preciso.
- **U** (como em *tu*): a língua alta e para trás, os lábios arredondados. O fundo, o escuro, o redondo.

Todas as outras vogais vivem entre esses três cantos. E o português tem muitas: o *é* aberto de *pé* e o *ê* fechado de *você*, o *ó* de *avó* e o *ô* de *avô*, e ainda as vogais nasais, como o *ã* de *mãe*. Todas encontram o seu lugar em algum ponto desse triângulo.

Bouba ou kiki?

Que as vogais tenham cor não é uma ideia só da endolinguística. É um dos resultados mais sólidos da psicologia experimental da linguagem.

Experimente Imagine duas figuras. Uma é redonda, macia, como uma nuvem ou uma mancha de tinta de bordas suaves. A outra é pontuda, cheia de pontas, como uma estrela quebrada. Uma se chama *bouba* e a outra, *kiki*. Qual é qual?

Quase com certeza você disse que a redonda é *bouba* e a pontuda é *kiki*. Você não está sozinho: pessoas de línguas muito diferentes, e de idades muito diferentes, respondem a mesma coisa na grande maioria dos casos. As vogais redondas e abertas de *bouba* combinam com o redondo; o *i* e o *k* de *kiki*, com o afiado.

Há outro experimento, mais antigo. Em 1929, o linguista Edward Sapir inventou duas palavras, *mil* e *mal*, e disse a várias pessoas que as duas eram nomes de mesas: uma grande e uma pequena. Qual é a grande? A maioria escolheu *mal* para a grande e *mil* para a pequena. (Aqui, leia o *l* final como um *l* de verdade, e não como o *u* que ele vira no Brasil: são palavras inventadas.) O *a* aberto vai com o grande; o *i* fechado, com o pequeno.

Agora olhe dois elementos que você com certeza conhece, vindos do grego: *macro* (o grande, o extenso) e *micro* (o pequeno). Eles têm o mesmo esqueleto, $m \cdot k \cdot r$. Só muda a vogal, e a vogal parece carregar o tamanho: *a* para o grande, *i* para o pequeno.

Atenção *Macro* e *micro* **não são parentes**. Em grego antigo, *makrós* (comprido) e *mikrós* (pequeno) vêm de raízes diferentes. Então não é que uma mesma palavra tenha se dividido em duas com vogais diferentes. O que elas mostram é outra coisa: duas palavras de histórias diferentes, com o mesmo esqueleto, repartem o seu sentido exatamente como a cor das vogais prevê. É uma coincidência que vai na direção de uma tendência real, comprovada com experimentos. Dito assim, sem exagero, é um bom exemplo.

Essas tendências não são leis. São inclinações: aparecem quando você olha muitas palavras e muitas pessoas, e há muitas exceções. Mas são reais, e dizem algo importante: na camada mais funda da linguagem, onde o corpo faz os sons, o som e o sentido não estão totalmente separados.

O ritmo decide o que se ouve

Vamos passar da cor de uma vogal à música de uma frase inteira.

As línguas têm ritmos diferentes. O português do Brasil tende a dar a cada sílaba mais ou menos o mesmo tempo: *ca-ra-me-lo* soa como quatro batidas regulares, com todas as vogais bem audíveis. Já o português de Portugal faz outra coisa: engole as vogais sem acento, que quase somem. Uma palavra como *pequeno* soa lá quase como *p'queno*. É a mesma língua, com o mesmo osso, e com outra música.

O inglês vai ainda mais longe nessa direção. Ele bate forte em certas sílabas e aperta as outras entre elas: *caramel* se comprime, e uma vogal quase desaparece. Diz-se que o inglês tem um ritmo **acentual**, e que o português do Brasil é mais **silábico**. O mesmo osso, posto em outro ritmo, soa diferente.

Por isso, quando você fala inglês com ritmo de português, mesmo

pronunciando bem cada som, dá para perceber. Você dá o mesmo peso a todas as sílabas onde o inglês esmaga algumas; e às vezes ainda acrescenta uma vogal depois da consoante final, que o inglês não tem (o famoso “clubi”). Aquilo que chamamos de **sotaque** não é só uma vogal errada aqui ou uma consoante ali. É que o seu ritmo interior, o da sua primeira língua, continua soando por baixo do idioma novo.

Com o espanhol, a história é outra. O espanhol é silábico, como o português do Brasil: *ca-ra-me-lo* soa como quatro batidas regulares, e o seu ouvido logo se sente em casa. E o acento de palavra, que muda de lugar e muda o sentido, você também já conhece: *sábia*, *sabia*, *sabiá* são três palavras diferentes com os mesmos sons. Em espanhol acontece o mesmo: *término* (o término), *termino* (eu termino), *terminó* (ele terminou).

A esse ritmo interior, a endolinguística chama de **endorritmo**. Não é o ritmo que se pode gravar com um microfone, mas a disposição de fundo de onde saem todos os seus ritmos: um andamento, um jeito de ir no tempo, tão pessoal quanto o timbre da sua voz. Você o leva consigo de uma frase para outra e de um idioma para outro.

Quando a música é a palavra

Há línguas em que a música não acompanha a palavra: ela **é** parte da palavra. Elas se chamam **línguas tonais**. Em chinês mandarim, a sílaba *ma* dita num tom alto e reto quer dizer “mamãe”; num tom que sobe, “cânhamo”; num tom que desce e sobe, “cavalo”; num tom que cai de repente, “repreender”. Quatro palavras diferentes com os mesmos sons. O que em português uma consoante ou uma vogal faria, em mandarim quem faz é a altura da voz.

E aqui há uma descoberta bonita da linguística histórica. Muitos tons nasceram quando uma língua perdeu uma consoante. A consoante foi embora, mas a diferença que ela marcava não se perdeu: mudou-se para a melodia da vogal vizinha. Isso se chama **tonogênese**, o nascimento do tom. É como se o osso, ao se gastar, tivesse virado música.

Para ir mais longe No México de antes da conquista, e no de hoje, falam-se muitas línguas tonais: o mixteco, o zapoteco, o mazateco, o otomi e outras. Em algumas comunidades mazatecas de Oaxaca pratica-se até uma “linguagem assobiada”: as pessoas conversam assobiando a melodia das palavras, sem consoantes nem vogais, e se entendem. Se você já se perguntou se a música de uma língua pode carregar o sentido sozinha, aí está uma resposta.

O que a voz diz sem palavras

Há ainda um nível mais fino: os pequenos tremores da voz, as pausas que não são iguais, a garganta que aperta um pouco, a pressa quase imperceptível. A psicofonologia chama isso de **micromusicalidade**. Ela fica abaixo do que percebemos conscientemente, e mesmo assim a lemos na hora.

Pense numa voz que treme. Se a pessoa está com frio, o tremor é regular, mecânico, ritmado: o corpo tiritando. Se a pessoa está segurando o choro, o tremor é outro: irregular, com pausas desiguais, com uma tensão que se junta na garganta. Os dois se ouvem. Os dois são tremores. E significam coisas opostas. A diferença não está em nenhuma palavra nem em nenhum som: está na micromusicalidade.

Experimente Diga *desculpa* de três jeitos: seco e cortante, como quem não sente nada; lento e sentido, como quem sente de verdade; brilhante e exagerado, como quem fala com ironia. Grave-se com o celular e escute. As consoantes e as vogais são as mesmas nos três. Onde está a diferença?

O que fazer com tudo isso quando você aprende um idioma

Esta parte pode parecer teórica, mas tem consequências muito práticas.

1. **Escolha um sotaque de referência** e fique com ele no começo. Não misture o inglês de Londres com o do Texas na mesma semana, nem o espanhol de Madri com o da Cidade do México. O seu ouvido precisa de um modelo estável.
2. **Escute antes de falar.** O ritmo e a melodia de uma língua se aprendem pelo ouvido, não pelos olhos. Coloque áudio do idioma, mesmo sem entender tudo: o seu corpo vai aprendendo o endorritmo da outra língua.
3. **Faça sombra.** Coloque uma frase gravada e repita por cima, quase ao mesmo tempo, imitando a melodia, não só os sons. Em inglês, isso se chama *shadowing*.
4. **Exagere a música.** No começo, exagere as subidas e descidas do idioma novo, como se estivesse atuando. O seu ritmo do português vai puxar para o regular, sílaba por sílaba: em inglês, apoie com força as sílabas fortes, deixe as fracas passarem e não acrescente vogais depois das consoantes finais; em espanhol, procure a sílaba certa de cada palavra.
5. **Escute em paralelo.** Use as frases-ponte do capítulo 8: ouça a frase no idioma novo e depois a ponte em português, uma atrás

da outra. Você não treina só as palavras: treina a mudança de ritmo.

Atenção A psicofonologia **não é uma terapia**. Ela estuda como o pensamento e a emoção viram som, mas não cura nada nem promete curar nada. Se alguém oferecer a você “reprogramar sua mente” com sons, isso não sai deste manual.

No próximo capítulo, vamos à pergunta mais funda desta parte: como um pensamento, que não soa, vira voz.

Do pensamento ao som

O limiar

Pense em algo que você quer dizer e ainda não disse. Está ali, na sua cabeça. Não soa. Não tem letras. Talvez ainda nem tenha palavras: é uma intenção, uma imagem, uma pressa. E daqui a um segundo, se você decidir dizer, isso vai sair da sua boca como ar que vibra, com consoantes, vogais, ritmo e um tom que denuncia como você está se sentindo.

O que aconteceu nesse segundo? Algo que não soava virou som. Algo de dentro virou algo de fora, que outra pessoa pode ouvir.

A essa passagem a psicofonologia chama de **limiar**. Um limiar é o lugar por onde se passa de um espaço para outro, como o batente de uma porta. Não pertence de todo a nenhum dos dois cômodos. O **limiar fônico** é a passagem entre o pensamento e o som, e é a pergunta mais funda de toda esta parte do manual: *como o pensamento consente em virar voz?*

Não vou dar a você uma resposta fechada, porque não existe uma. Mas posso mostrar como essa passagem se vê de vários lados.

Quatro níveis

A endolinguística distingue quatro níveis em que a linguagem funciona por dentro. Não são quatro linguagens diferentes: são quatro profundidades da mesma.

1. **Falar.** O nível do corpo que produz sons: a boca, o ar, os músculos, os padrões de movimento que você aprendeu quando era bebê. Quando você diz *oi*, o que acontece neste nível é uma sequência de movimentos.
2. **Dizer.** O nível do sentido compartilhado: o que uma palavra quer dizer para uma comunidade, com a sua história e a sua cultura. Quando você diz *oi*, neste nível você está cumprimentando, com tudo o que um cumprimento significa onde você vive.
3. **Pensar.** O nível do raciocínio: as relações lógicas, as estruturas que permitem combinar ideias, comparar, deduzir.
4. **Intuir.** O nível mais fundo, onde algo se compreende antes de poder ser explicado: a ressonância, a intuição do que o outro quer dizer além do que ele diz. É também, segundo a endolinguística, o nível em que a linguagem toca a ética: a responsabilidade pelo que se diz.

Os códigos que você aprendeu na Parte I vivem sobretudo entre o primeiro e o segundo nível: no corpo que produz os sons e no sentido que uma comunidade dá a eles. Mas a endolinguística sustenta que a influência deles chega mais fundo, até o quarto nível, o de intuir. Isso, como quase tudo nesta parte, é uma proposta que se estuda, não um fato demonstrado.

Como uma língua passa a ser sua

Há um jeito de ver o limiar em ação: olhar como um bebê chega a falar.

Costumamos pensar que uma criança começa a falar por volta de um ano, com as primeiras palavras. Mas a linguagem começa muito antes, e começa pela música.

Isso não é poesia: está medido. As pesquisas com recém-nascidos mostram que, poucos dias depois de nascer, os bebês preferem a voz da mãe à de uma desconhecida, e preferem um texto que ouviram várias vezes antes de nascer a um que nunca ouviram. Eles também distinguem a sua língua de outras, sobretudo pelo ritmo. E há estudos que encontraram que a melodia do choro de um recém-nascido já tem algo do desenho da língua que ele ouviu dentro da barriga.

O que isso quer dizer? Que, antes de entender uma única palavra, o bebê já recebeu o **ritmo** da sua língua. Ouviu, através do corpo da mãe, a melodia, as pausas, as subidas e descidas. A primeira coisa que se aprende de uma língua não é o seu significado: é o seu jeito de ir no tempo. O endorritmo se forma primeiro; os códigos se cristalizam depois, dentro dele.

A psicofonologia descreve esse processo com três palavras:

- **Exolinguagem:** a língua como vem de fora. No começo, para o bebê, a língua é algo que soa em volta: a voz dos outros.
- **Apropriação:** o trabalho, longo e lento, de tornar própria essa língua alheia. O bebê a pega, imita, brinca com ela, deforma, e ao torná-la sua a transforma.
- **Endolinguagem:** a organização profunda que resulta disso, que já é dele e de mais ninguém, ainda que se pareça muito com a de

quem está em volta.

Há uma coisa que vale a pena notar. A língua mais sua, a que você fala sem pensar, começou sendo a língua dos outros. Ninguém inventa a sua primeira língua. Recebe, e ao receber, torna sua.

Brincar com as palavras

Há crianças que pegam uma palavra e brincam com ela: dizem de trás para a frente, rimam com outras, colocam onde ela não cabe, inventam um segundo sentido, fazem dela uma piada ou um nome secreto. E há outras para quem cada palavra fica pregada ao seu único uso, sem poder se mexer.

A psicofonologia propõe que essa diferença — a de poder brincar com as palavras ou não — diz algo sobre como a linguagem se formou por dentro. Quando os primeiros anos são de cuidado suficiente, os códigos ficam **móveis**: podem ser invertidos, recombina-dos, deslocados. Quando não, podem ficar **rígidos**. É uma hipótese, e foi pensada para ser posta à prova com estudos que acompanhem crianças durante anos; não é um resultado. E não é um diagnóstico de ninguém: a endolinguagem continua se refazendo a vida inteira, e brincar com as palavras se aprende em qualquer idade.

Mas há uma coisa que você mesmo pode observar. Os trava-línguas, as rimas, o rap improvisado, os trocadilhos, os apelidos que se inventam entre amigos, essas línguas secretas que algumas crianças criam enfiando sílabas entre as sílabas: tudo isso é brincar com os códigos. É a mesma capacidade que os poetas usam. E é a mesma que você vai usar para aprender um idioma novo.

Experimente Você provavelmente conhece a **língua do P**. Há várias versões; numa delas, depois de cada sílaba vem uma sílaba nova com *p*, que repete a vogal: *casa* vira *ca-pa-sa-pa*; *bola* vira *bo-po-la-pa*. Diga rápido: *co-pomopo vopocêpê sepe chapamapa*? Entendeu? Repare no que o jogo faz: enfia uma consoante nova em toda parte e, mesmo assim, a frase continua sendo entendida, porque o ouvido aprende a tirar o que sobra e a ficar com a palavra. *Casa* tem o esqueleto *k · z*; *capasapa* tem *k · p · z · p*. O *p* novo (Φ) aparece em toda parte, e o seu ouvido o descarta sem esforço. É um jogo com o esqueleto.

Seu segundo idioma: uma segunda apropriação

Tudo isso tem uma consequência direta para você.

Aprender um idioma novo é fazer, outra vez, o que você fez quando era bebê: pegar uma língua que chega de fora e torná-la sua. No começo, o inglês, ou o espanhol, é exolinguagem: algo que soa, que é dos outros. Com o tempo, com brincadeira e com prática, uma parte dele vira sua.

Nunca vai ser exatamente igual à sua primeira língua. O seu endorritmo do português vai continuar soando por baixo: isso é o sotaque, e não é um defeito, é uma assinatura. Mas a endolinguagem não se forma uma vez só e se fecha. Ela continua se refazendo a vida inteira, a cada relação, a cada língua, a cada grupo de amigos que empresta a você o seu jeito de falar.

Por isso as recomendações do capítulo anterior — escutar muito, imitar a melodia, fazer sombra — não são truques. São o jeito como o seu corpo aprende o ritmo de outra língua, como aprendeu o da primeira: pelo ouvido, antes do significado.

O que este capítulo não diz

Três precauções, para que nada disso seja lido além do que diz.

A língua não tem inconsciente próprio. Uma língua não é uma pessoa: não sente, não sofre, não lembra. Quem sente e lembra são as pessoas que a falam. Quando dizemos que uma língua “guarda” algo, queremos dizer que quem guarda são os corpos que a falam e a transmitem de geração em geração.

Nem todo detalhe do som significa alguma coisa. Muito do que há numa voz é cansaço, ruído, mecânica do corpo. A tarefa da psicofonologia é justamente separar o que significa do que não significa. Uma ciência que encontrasse sentido em toda parte não se distinguiria de uma que não o encontrasse em parte alguma.

Nem tudo o que está dentro pode ser lido. Há coisas da mente que nenhuma análise da voz vai recuperar. Saber onde termina o que se pode conhecer também faz parte de conhecer.

Para ir mais longe Uma das ideias mais antigas desta tradição é a de Joseph Meulemans, o neurologista de quem falei no começo: que o hemisfério direito do cérebro tem funções de linguagem que não são as clássicas — o ritmo, a melodia da voz, o sentido do que não se diz — e que ali também poderiam ser processados os códigos. A essa região hipotética se dá o nome de **zona de Meulemans**. Que o hemisfério direito participa da melodia e da intenção da fala é algo que a neurologia estuda hoje. Que ali se processem os códigos continua sendo uma hipótese.

Na última parte do manual, vamos olhar de frente o maior risco de tudo o que você aprendeu: ver o que não está lá.

PARTE IV

Pensar com cuidado

A miragem

Rostos nas nuvens

Com certeza já aconteceu com você. Você olha para uma nuvem e vê um cachorro. Olha para uma tomada e vê uma carinha assustada. A frente de um carro parece sorrir para você. O mesmo número aparece três vezes no mesmo dia e você sente que o universo está tentando dizer alguma coisa.

Essa tendência a ver conexões e figuras onde elas não existem tem nome: **apofenia**. Não é uma doença, nem um defeito dos outros. É o preço de ter uma mente que procura padrões, ou seja, de ter uma mente. Nossos antepassados que viam um tigre em cada sombra sobreviviam mais do que os que não viam nenhum; herdamos deles uma mente que prefere ver demais a ver de menos.

E aqui eu preciso ser muito honesto com você: **a apofenia não é o contrário do que este manual ensina. É o seu motor sem freios.** A mesma capacidade que permite a você ver que *padre* e *father* são parentes pode levar você a ver parentes onde não há nada. Este capítulo é sobre os freios.

A melhor lição que eu conheço

Eu prometi desde o começo. Aqui está. Ela acontece entre as duas línguas que você está aprendendo: o espanhol e o inglês.

	espanhol	inglês
palavra	mucho	much
significa	muito	muito
esqueleto	m · ch	m · ch
código	M · Σ	M · Σ

Mesmo sentido. Mesmo esqueleto. Mesmo código. Se alguma vez, em todo este manual, duas palavras pareceram gritar “somos parentes!”, são estas.

E não são.

Mucho vem do latim *multus*. *Much* vem do inglês antigo *micel*, que queria dizer “grande”, e que vem de uma raiz protoindo-europeia completamente diferente. As duas palavras chegaram por caminhos que não se tocam, e mesmo assim acabaram soando quase igual e significando a mesma coisa.

E o seu *muito*? Também vem do latim *multus*, como *mucho*. Então *muito* é parente de *mucho*, e não de *much*. Repare num detalhe: *muito* nem tem o mesmo esqueleto. É m · t, M · Θ (o *i* do ditongo é vogal, e o *t* antes de *o* não vira *tch*). O parente verdadeiro soa menos parecido com *much* do que o falso.

Mas a história dá mais uma volta, e é a melhor parte. Se *much* não é parente de *mucho*, é parente de quem? De um elemento que você usa o tempo todo sem pensar: o grego *mégas*, “grande”, o de **mega-**.

Megafone, megabyte, megashow: ali está o primo de *much*. Ele também é parente do latim *magnus*, o de *magno* e *magnitude*. E *mucho* (e muito) tem primos em inglês? Tem: o latim *multus* vive em **multi-**. *Multitude, multiple, multimedia*.

palavra	o seu parente verdadeiro na outra língua
mucho, muito (latim <i>multus</i>)	inglês <i>multi-</i> : <i>multitude, multiple</i>
much (inglês antigo <i>micel</i>)	<i>mega-</i> e <i>magno</i> : <i>megafone, magnitude</i>

Você vê o que aconteceu? O olho viu *mucho* = *much* e achou que via um parentesco. Nisso ele errou, e essa é a miragem: a história diz que os parentes verdadeiros estavam escondidos em lugares onde ninguém iria procurar, num prefixo de tecnologia e num de matemática.

Há mais casos assim. Alguns se veem a partir do espanhol, outros a partir do português:

a semelhança	o que a história diz
o espanhol <i>día</i> (e o seu <i>dia</i>) e o inglês <i>day</i>	não são parentes. <i>Día</i> e <i>dia</i> vêm do latim <i>diēs</i> , de uma raiz que significava “céu”, a mesma do espanhol <i>dios</i> . <i>Day</i> vem de outra, que significava “arder”.
o espanhol <i>haber</i> e o inglês <i>have</i>	não são parentes. <i>Have</i> vem da mesma raiz do latim <i>capere</i> , “tomar”: o seu primo em português é <i>capturar</i> (e, em inglês, <i>capture</i>).
o português <i>fogo</i> e o inglês <i>fire</i>	não são parentes. <i>Fogo</i> vem do latim <i>focus</i> , que queria dizer “lareira” (é a mesma palavra que deu <i>foco</i>). <i>Fire</i> é germânica. Duas palavras para o fogo que começam com o mesmo sopro dos lábios, <i>f</i> (Φ): isso não é parentesco.

Atenção Repare que *mucho* e *much* têm **o mesmo código**. Isto é importantíssimo: **compartilhar código não prova parentesco**. O código é uma ferramenta para ver; não é uma prova. O que prova um parentesco é a história documentada, elo por elo.

Miragem, sim. Mas a semelhança continua ali

Até aqui, a história respondeu a uma pergunta: *eles são parentes?* Não, não são. Mas há uma segunda pergunta que a história não responde: *então, por que se parecem tanto?* É muito fácil confundir as duas, e dá para errar nas duas direções.

1. **Acreditar que são parentes.** Essa é a miragem, e é mesmo. Nós a

comprovamos com a linguística histórica, e não há o que discutir.

2. **Acreditar que, como não são parentes, não há nada.** Esse erro é igualmente grande, e é o que quase ninguém vê. *Mucho* e *much* continuam sendo praticamente a mesma coisa: o mesmo osso, o mesmo código, o mesmo sentido. *Día* e *day* também: um só som de dentes, e as duas nomeiam o dia. (O seu *día*, aliás, com o *d* que no Brasil soa *dj*, já cai em Σ : o seu sotaque mudou a classe, como você viu no capítulo 2.) *Fogo* e *fire* também: o mesmo sopro dos lábios no começo, e as duas nomeiam o fogo. Isso não é ilusão nenhuma. É um fato que qualquer pessoa pode comprovar.

A ilusão não estava na semelhança. Estava na explicação que o olho colou nela: o parentesco. Quando a história tira essa explicação, a semelhança não desaparece. Fica ali, sem explicação.

E aqui a endolinguística faz algo que a linguística histórica, pelo seu próprio método, não faz: **registra a coincidência como uma relação**. Quando duas palavras de histórias diferentes chegam ao mesmo código e ao mesmo campo de sentido, a endolinguística chama isso de **convergência**. Não é um parentesco, e é anotada à parte dos parentescos, para que nunca se confundam. Mas também não vai para o lixo. Você já viu outras neste manual: o italiano *caldo* (“quente”) e o inglês *cold* (“frio”), que vêm de famílias sem parentesco, têm o mesmo código $X \cdot \Lambda \cdot \Theta$ e estão nas duas pontas do mesmo eixo, a temperatura (capítulo 4); *terra* e *rotação*, com o mesmo núcleo em ordem inversa.

Por que as convergências acontecem? Ninguém sabe de todo. Pode haver um pouco de acaso: as consoantes são poucas e as palavras são muitas, então alguns encontros são de se esperar, e isso precisa ser contado antes de se afirmar qualquer coisa. Pode haver algo

de como o corpo faz e sente os sons, como você viu com as vogais no capítulo 10. Pode haver algo que a endolinguística ainda não sabe nomear. Enquanto não se souber, o lugar honesto para *mucho* e *much* é um **caso em aberto**: uma relação que se vê, que se pode comprovar, e que ainda não tem explicação completa. Nem se inventa um parentesco que não existe, nem se despacha a semelhança com um “é pura coincidência”, que fecha a pergunta sem respondê-la.

Aí está o mistério da coincidência, e é um dos mais bonitos de todo o manual.

Desafio Procure outro par — português–inglês, português–espanhol ou espanhol–inglês — que se pareça muito no som e no sentido. Confira a história dele num dicionário com etimologia. Se as duas palavras forem parentes, anote como parentesco. Se não forem, não apague: anote como convergência, com o código e o sentido. No fim do ano, juntem as convergências da turma toda. Quantas vocês encontraram? Elas se parecem entre si?

O árbitro

Então, o que separa o achado da miragem? Não a operação: nos dois casos, trata-se de ligar o que estava solto. O que os separa é o **árbitro**.

No jogo de aprender idiomas, o árbitro é a história. O parentesco de *padre* e *father* não é uma impressão: está documentado elo por elo. O de *mucho* e *much* não existe, e um dicionário com etimologia diz isso a você em um minuto. Todo o método cabe num gesto duplo: **ver a conexão, e perguntar à história de que tipo ela é**. Ver sem perguntar é delirar com método. Perguntar sem ver é não jogar.

Mas repare bem no que esse árbitro decide. A história diz se há **parentesco**. Não diz se há **relação**. Uma convergência como *mucho* e

much passa pelo árbitro sem parentesco, e continua sendo uma relação que precisa ser explicada.

Três registros

Mas a coisa não é tão simples quanto “história sim = verdade, história não = mentira”. Há um território intermediário, e calar sobre ele seria desonesto.

A endolinguística distingue **três registros** do sentido, três maneiras de uma conexão entre palavras existir:

1. **Sentido achado.** A conexão já está feita; a história a garante. *Pa-dre* e *father*. É um fato.
2. **Sentido construído.** A história não garante a conexão, mas ela também não é um delírio: alguém a constrói com uma interpretação, a **declara** como interpretação e responde por ela.
3. **Sentido projetado.** Alguém afirma uma conexão como se fosse um fato, onde não há nada que a sustente. Isso é a apofenia.

Só o terceiro é o erro.

Com *mucho* e *much*, os três registros aparecem ao mesmo tempo. Que eles se pareçam no código e no sentido é um fato: isso está **achado**. Dizer que são parentes seria **projetado**: a história desmente. E qualquer explicação que alguém proponha para a semelhança é, por enquanto, **construída**: vale, se for declarada como o que é.

Um exemplo do segundo registro, o sentido construído. Há um grupo de palavras espanholas de que muitas pessoas desta tradição gostam: *casa*, *caer* (cair), *caso*, *causa*. Dá para ler um fio entre elas: a casa

como o lugar onde a gente enfim cai para descansar; o caso como o que cai diante de nós; a causa como aquilo pelo qual as coisas caem para um lado e não para o outro. Isso é um fato histórico? Não, e ninguém sério o apresenta assim. É uma **leitura**: um sentido que se constrói e que vale o quanto valer a sua capacidade de iluminar alguma coisa.

A diferença entre a leitura e a miragem não está na operação. Está na **honestidade do gesto**. A miragem diz “isto *significa* aquilo”. A leitura diz “isto *pode ser lido* assim”, e responde por isso.

Quase toda a poesia vive no segundo registro. O poeta junta palavras que a língua deixou perto e tira delas um sentido novo. A operação do poeta e a de quem vê rostos nas nuvens é a mesma. O que os distingue é que o poeta sabe que está construindo, e assina isso como construção.

Experimente Procure três palavras, em português ou em espanhol, que compartilhem esqueleto, e construa uma leitura que as una, como a de *casa, caer, caso, causa*. Escreva em duas ou três frases. No fim, acrescente uma linha honesta: “isto é uma leitura, não um parentesco documentado”. Depois procure a etimologia das três. Alguma delas acabou sendo parente de verdade?

Quando a miragem vira história

Uma última volta, porque a realidade é mais interessante que as regras.

O inglês tem uma palavra, *crayfish*, que nomeia um crustáceo de rio, algo como um camarãozinho de água doce. Parece uma palavra composta: *cray* + *fish*, “peixe”. Mas o bicho não é um peixe, e a palavra não se formou assim. Ela vem do francês antigo *crevice*, que não tem nada a ver com peixes. Os falantes de inglês ouviram aquele final, -*vice*, e ele soou como *fish*. Viram uma conexão que não estava ali. E,

como todos a viram, a palavra mudou: hoje se diz *crayfish*.

Isso se chama **etimologia popular**. Do ponto de vista da história, foi um erro. Mas esse erro, compartilhado por uma comunidade inteira, refez a palavra. A apofenia de muitos, quando vira costume, vira história.

Isso ensina uma coisa fina. Dizer “isso é apofenia” também é um julgamento, e todo julgamento tem um alcance. É apofenia *em relação à história da palavra*. Não é *em relação a como os falantes a usam hoje*. Quando você disser que algo é uma miragem, diga também para quem e em que escala.

Seis perguntas antes de acreditar numa conexão

Guarde esta lista. Ela vai servir para os idiomas, e para muito além deles.

1. **Eu conferi?** Procurei a etimologia num dicionário, ou estou confiando na semelhança?
2. **É a mesma família de línguas?** Se estou comparando línguas de macrossistemas diferentes, a conexão não é herança: é empréstimo ou convergência.
3. **Estou somando classes?** Se a minha explicação diz “esta consoante significa isto e aquela significa aquilo”, eu saí do método.
4. **Contei as que não se encaixam?** Dois exemplos bonitos não provam nada. Quantas palavras com esse código não têm nada a ver com o que estou dizendo?
5. **Estou dizendo isso como achado ou como leitura?** Se é uma

leitura, eu digo. Não tem problema: as leituras têm valor, desde que sejam apresentadas como o que são.

6. **Isso sobrevive a alguém que não pensa como eu?** Se eu explicar a uma pessoa cética, o que ela me responde?

Para ir mais longe Estas seis perguntas não servem só para as palavras. Servem para tudo o que chega até você com forma de padrão: uma cadeia de coincidências nas redes sociais, uma teoria que “explica tudo”, um horóscopo preciso demais. A mente que vê padrões é a mesma em todos os casos. Os freios também.

Resta a maior pergunta de todas, a que talvez você tenha se feito em algum momento deste manual. Se os códigos não são significados, se não são só história, se não são pura coincidência... o que eles são? O último capítulo não tem a resposta. Mas diz para onde olhar.

O que ainda não sabemos

A pergunta que ficou pendente

Chegamos ao fim com uma pergunta que o manual foi rodeando sem responder. Você já sabe o que um código **não** é. Não é um significado: orienta, não diz. Não é só história: *terra* e *rotação* não são parentes e, mesmo assim, se invertem. Não é uma prova de parentesco: *mucho* e *much* compartilham código e sentido, e não compartilham história. Então, o que é?

Os códigos estão *nas* línguas, como estão as palavras? Ou somos nós que os colocamos lá?

A resposta da endolinguística é mais fina que um sim e mais interessante que um não. Vou dá-la a você com uma imagem da astronomia.

As coordenadas e as estrelas

Os astrônomos dividem o céu com linhas imaginárias, parecidas com as de latitude e longitude de um globo terrestre. Com essas linhas, eles conseguem dizer exatamente onde está uma estrela e acompanhar seu movimento noite após noite. Mas essas linhas não existem no céu. Nenhuma nave vai cruzá-las nunca. São um instrumento, uma invenção

humana.

E, no entanto, sem elas você não conseguiria acompanhar uma única estrela. E as estrelas, essas sim, estão lá.

Com os códigos acontece algo parecido. O código é um instrumento: somos nós que o extraímos, com regras que decidimos (o esqueleto, as sete classes, a ordem). Por isso ele é escrito com símbolos que não pertencem a nenhuma língua. Mas algo que não é o código está, sim, lá: algo que viajou cinco mil anos dentro de *padre*, *father*, *Vater* e do persa *pedar*; algo que se conservou enquanto todo o resto mudava. Não é uma palavra, porque as palavras mudaram. Não é um significado, porque os significados se deslocaram. Não é um som, porque até os sons giraram. É uma continuidade: uma forma que persiste debaixo das formas. O código não a cria. Ele a **detecta**, como o telescópio detecta a estrela sem ser a estrela.

E o que é, no fundo, isso que persiste? Aqui o manual chega ao seu limite, e diz isso sem vergonha: **ainda não sabemos**.

Uma direção: a qualidade

O que temos, sim, é uma direção. A busca não avança às cegas. Ela é orientada por uma investigação filosófica que venho desenvolvendo há anos e que se chama **metafísica cuálica**. Vou contá-la a você em poucas palavras, porque é o que está no fundo de tudo o que você leu.

Ela começa com uma distinção que você já conhece, mesmo que nunca tenha dado um nome a ela: a diferença entre **quantidade** e **qualidade**.

Pense no vermelho. Um físico pode dizer a você o comprimento de onda da luz vermelha: um número. Isso é quantidade. Mas esse

número não é o que você vê quando vê vermelho. O que você vê — o vermelho tal como aparece, tal como se sente — é outra coisa, e nenhum número o esgota. Isso é qualidade. O mesmo vale para o sabor de uma manga, para o cheiro de terra molhada, para o que você sente quando alguém diz seu nome com carinho. Dá para medir muita coisa ao redor dessas experiências. A experiência mesma não se mede: se vive.

A metafísica cuálica leva a sério essa ordem das qualidades. Ela tem três palavras que vale a pena você conhecer:

1. **Habência.** É uma palavra do filósofo mexicano Agustín Basave Fernández del Valle (em espanhol, *habencia*). Quer dizer, mais ou menos, o “há” originário: antes que possamos dizer *o que* uma coisa é, antes de medi-la ou nomeá-la, *há*. A habência é esse fundo de tudo o que aparece.
2. **Cualo.** É a unidade mínima desse aparecer vivido: um instante de qualidade, anterior aos conceitos e às palavras. Um cualo não é uma coisa que se possa agarrar nem medir. O que podemos agarrar são suas **marcas**: o que ele deixa ao passar. Um som, por exemplo, é uma marca.
3. **Logos.** É a palavra, o conceito, a razão. E a metafísica cuálica diz algo curioso sobre ele: que ele **chega tarde**. Primeiro há a experiência; depois vem a palavra que tenta dizê-la. O logos trabalha sobre as marcas, não sobre a experiência mesma. Por isso sempre há algo que as palavras não alcançam.

E o que isso tem a ver com os códigos? Muita coisa. Na endolinquística há dois terrenos que não se podem separar. Um é o do que

se pode contar e combinar: as consoantes, as classes, os códigos, as inversões. O outro é o da qualidade: as vogais que colorem, o ritmo, o endorritmo, a sensação de cada classe. Ao primeiro chamamos **âmbito quântico** (de *quanto*: o que se conta). Ao segundo, **âmbito cuálico** (do espanhol *cuál*, “qual”: a qualidade). Os códigos são o que há de mais contável na linguagem. Mas a suspeita da metafísica cuálica é que aquilo que viaja dentro deles pertence à outra ordem: à das qualidades que se sentem, não à das quantidades que se somam.

Repare na simetria, porque ela é bonita. A filosofia faz com a nossa pergunta exatamente o que o código faz com as palavras: não dita a resposta, aponta para onde olhar.

O que um grupo compartilha sem saber

Há uma última ideia da endolinguística que você precisa conhecer, porque ela está entre as mais importantes e entre as mais fáceis de entender mal.

Se todos os que falam uma língua compartilham seus códigos, seu ritmo, seu jeito de agrupar sons, e quase ninguém sabe que os tem, então um grupo de falantes compartilha algo que não sabe que compartilha. A endolinguística chama isso de **inconsciente compartilhado**.

Convém dizer logo o que isso **não** é. Não é o “inconsciente coletivo” do psicólogo Carl Jung, que seria universal, o mesmo para toda a humanidade. O inconsciente compartilhado é **relativo a um macrosistema**. Os que falam línguas indo-europeias compartilham certas estruturas; os que falam línguas semíticas, outras. E elas se encaixam como caixas umas dentro das outras: o português está dentro das línguas românicas, que estão dentro do indo-europeu. Cada caixa com-

partilha algo com as de fora e tem algo próprio.

E há um aviso que não posso deixar de fazer a você:

Atenção O inconsciente compartilhado **não serve para dizer como um povo “é”**. Nada neste manual autoriza você a dizer que os que falam tal língua são mais frios, mais violentos, mais alegres ou mais inteligentes por causa dos códigos do seu idioma. Os códigos são estruturas muito profundas e muito lentas; o que um grupo humano faz num momento da sua história depende de mil coisas mais próximas: a economia, a política, as guerras, as decisões das pessoas. Explicar essas coisas com códigos não é endolinguística. É um erro, e às vezes um erro perigoso.

O que fica em aberto

Uma ciência que já sabe tudo não é uma ciência: é um catecismo. Por isso quero terminar com as perguntas que continuam abertas. Não são dúvidas do manual; são o trabalho que falta fazer, e alguém tem de fazê-lo. Talvez você.

1. **O que são os códigos?** Eles são descobertos, como se descobre uma estrela? São construídos, como se constrói um mapa? Ou as duas coisas ao mesmo tempo, sem que possamos dizer onde termina o encontrado e começa o feito?
2. **Quanto o código ajuda a aprender, e quanto ajuda a prática que o acompanha?** Sabemos que a memória adora conexões. Ainda não sabemos medir quanto o código contribui por si só, separado de todo o resto.
3. **Por que convergem palavras que não são parentes?** *Mucho e much*, o espanhol *día* e o inglês *day*: o mesmo código e o mesmo sentido por caminhos diferentes. Uma parte pode ser acaso, e é

preciso contá-la. O que sobrar depois de contar é uma das perguntas mais interessantes da disciplina.

4. **Como se comparam macrossistemas diferentes?** Sabemos que não se deve misturá-los. Ainda não sabemos bem o que, sim, se pode comparar entre eles.
5. **O que acontece no cérebro?** A zona de Meulemans é uma hipótese. É preciso muita pesquisa para saber se ela tem algo de verdadeiro.
6. **O que a voz diz que as palavras não dizem?** A psicofonologia mal começa a ter instrumentos para estudar a micromusicalidade, o endorritmo, o tremor.

Não são perguntas pequenas. Também não são perguntas impossíveis. Foi assim que começaram quase todas as coisas que depois soubermos: com alguém que aprendeu a olhar para algo que ainda não tinha nome.

As palavras têm ossos

Ao leitor

Se você chegou até aqui, já sabe fazer coisas que não sabia no começo do manual.

Sabe tirar a carne de uma palavra e ficar com o osso, e sabe que o osso se tira do som, e não da letra. Sabe que sua boca tem sete regiões, e que um *p* e um *f* podem ser a mesma pessoa com fantasias diferentes. Sabe ler um código, e sabe que um código não significa: orienta. Sabe distinguir um parente de um empréstimo e de um desconhecido que se parece com ele. Sabe por que o espanhol escreve *hijo* com *h* onde você diz *filho*, por que você diz *chave* onde o espanhol diz *llave* e o italiano *chiave*, e o que Jacob Grimm e os contos de fadas têm a ver com a sua aula de inglês. Sabe que a voz diz coisas que as palavras não dizem. E sabe que *mucho* e *much* não são parentes, embora tudo nelas grite que sim; e que isso não apaga a semelhança, que continua lá, como um mistério em aberto.

Você também sabe o que este manual não pede. Ele não pede que você acredite que as palavras têm significados secretos. Não pede que você some consoantes para adivinhar sentidos. Não pede que você explique um povo pelos sons da sua língua. Essas leituras não ficaram de fora por preconceito: ficaram de fora porque não funcionam, e porque às vezes fazem mal.

E você sabe que há perguntas abertas. O que são os códigos. Quanto eles ajudam de verdade. O que acontece no cérebro quando

um pensamento vira voz. Ninguém tem ainda essas respostas.

Deixo com você uma imagem. No começo do manual havia uma lista de inglês que se esquecia no dia seguinte: *father, foot, fish*. Três palavras soltas, como cartas distribuídas. Agora olhe a mesma lista outra vez. Já não são três dados. São três vislumbres de uma única regra, e atrás da regra há uma família de cinco mil anos que se estende da Índia à Irlanda. Um de seus ramos passou pelas florestas da Germânia e chegou à Inglaterra; outro chegou a Roma, depois à Lusitânia e, hoje à noite, à sua boca. A lista não mudou. Quem mudou foi você.

Uma última sugestão, que não exige comprar nada nem se inscrever em lugar nenhum. Hoje à noite, escolha uma palavra qualquer das suas. Tire as vogais. Olhe o osso. E pergunte-se de onde ela vem: quanto terá viajado para chegar, justamente hoje, justamente até você.

As palavras têm ossos. Agora você já sabe onde procurá-los.

E, se quiser continuar, espero você em www.endolinguistics.science e em www.independentbooks.site.

A. T. M.

Anexo A. Tabela rápida

As sete classes

símbolo	lê-se	região	consoantes
Φ	fi	os lábios	p, b, f, v; o <i>w</i> inglês no início de sílaba
Θ	teta	os dentes	t, d (quando não soam <i>tch / dj</i>), o <i>th</i> inglês
X	qui	o fundo	k (<i>c, qu</i>), g (de <i>gato</i>), o <i>h</i> inglês e alemão, o <i>j</i> espanhol
Σ	sigma	o chiado / assobio	s, z, ç, ch, j, x (de <i>xícara</i>), g (de <i>gente</i>); o <i>tch / dj</i> do Brasil (<i>leite, tarde</i>)
Λ	lambda	o que flui	l, lh, r, rr (também o <i>r</i> forte do Brasil)
M	san	o zumbido fechado	m
E	csi	o zumbido aberto	n, nh, o <i>ng</i> inglês, o <i>ñ</i> espanhol

Caso limite: o *y* do inglês *yes* e o *ll / y* do espanhol do México (*llave, yate*). Anotam-se entre parênteses e não se classificam à força. As semivogais dos ditongos do português (*pai, noite*) não são caso limite: são vogais.

Como tirar um código, em três passos

1. **Raiz.** Tire terminações e prefixos: *-ar, -er, -ir, -s, -es, -ção, -mente, -dade, re-, des-, in-...*
2. **Esqueleto.** Anote as consoantes da raiz tal como **soam**, na ordem.
3. **Classes.** Troque cada consoante pelo seu símbolo.

As regras do som (português, pronúncia geral do Brasil)

- O som, não a letra. O *h* nunca soa: não conta (*hora* → *r*).
- **Vogais nasais:** o *m* ou o *n* que só nasaliza a vogal não é consoante (*também* *t · b, bom b, lâmpada l · p · d, mãe m*). Entre vogais, a nasal volta a contar (*cama k · m*).
- **t e d antes do som [i]**, inclusive o *e* final que soa *i* (*leite, dente, tarde*): no Brasil soam *tch* e *dj*. Escrevem-se assim no esqueleto (*leite l · tch*) e a classe se lê pelo som que chegou: **Σ**.
- **l no fim de sílaba** (*sal, Brasil, mal*): no Brasil soa *u*, é vogal e **não conta** (*sal s, Brasil b · r · z*).
- **r:** o *r* fraco (*hora, caro*) é **Λ**. O *r* forte (*rato, carro, muitos r finais*) soa, em quase todo o Brasil, como um *h* aspirado; no interior, retroflexo. **Continua sendo Λ:** a classe segue a função do som na palavra (o *r*, o que flui), não o ponto exato onde ele é feito. É uma decisão declarada, um caso a observar.
- *c* (antes de *a, o, u*), *qu, k* → som *k* → **X**.

- *ch*, *x* de *xícara*, *j*, *g* (antes de *e*, *i*), *s* e *z* sonoros, *ç* e o *s* final (também o *s* chiado do Rio) $\rightarrow \Sigma$.
- *x* de *táxi* $\rightarrow ks \rightarrow X \cdot \Sigma$.
- *lh* $\rightarrow \Lambda$ (*filho* *f* · *lh*). *nh* $\rightarrow \Xi$ (*banho* *b* · *nh*).
- As semivogais dos ditongos (*pai*, *mãe*, *noite*, *muito*, *oito*) são vogais: não contam (*pai* *p*, *noite* *n* · *tch*, *oito* *t*).
- Letras dobradas (*rr*, *ss*) $\rightarrow$ um só som.
- Em outras línguas, manda a pronúncia: o *k* de *know* não conta; o *r* final de *mother* conta conforme o sotaque.

Em Portugal o esqueleto muda em dois pontos. O *t* e o *d* antes de *i* continuam *t* e *d*, Θ (*leite* *l* · *t*). E o *l* do fim de sílaba soa *l* e conta, Λ (*sal* *s* · *l*). Seu esqueleto depende do seu sotaque.

Para comparar. Em espanhol, o *h* é mudo; *j* e *g* (antes de *e*, *i*) soam como um *h* forte $\rightarrow X$; *ll* e *y* são caso limite; *c* (antes de *e*, *i*) e *z* $\rightarrow s$ na América, *th* na Espanha; o *i* e o *u* dos ditongos (*tierra*, *rueda*) são vogais. Em inglês, *th* $\rightarrow \Theta$; o *h* se pronuncia $\rightarrow X$ (soa quase como o seu *rr* de *carro*); *sh*, *ch*, *j* $\rightarrow \Sigma$; *ng* $\rightarrow \Xi$; o *w* inicial $\rightarrow \Phi$; letras mudas não contam (o *k* de *know*, de *knife*); o *r* depois de vogal depende do sotaque (*mother* *m* · *th* · *r* nos Estados Unidos, *m* · *th* em boa parte da Inglaterra).

Notação

escreve-se	quer dizer
$p \cdot d \cdot r$	um esqueleto : consoantes reais
$\Phi \cdot \Theta \cdot \Lambda$	um código : classes, na ordem
$\{\Phi, \Theta, \Lambda\}$	um núcleo : as mesmas classes, sem ordem
*tréyes	uma palavra reconstruída , que não está escrita em nenhum documento

As seis perguntas antes de acreditar numa conexão

1. Conferi num dicionário etimológico?
2. É a mesma família de línguas?
3. Estou somando classes?
4. contei as palavras que não se encaixam?
5. Estou dizendo isso como achado ou como leitura?
6. Isso sobrevive a alguém que não pensa como eu?

Anexo B. Soluções

Antes de ler uma solução, tente o exercício. Se você já tentou e errou, melhor: o erro seguido da correção é uma das formas pelas quais mais se aprende.

As etimologias destas soluções foram conferidas no corpus de pesquisa do programa, que reúne dicionários etimológicos e bases de dados de especialistas.

Capítulo 2

Exercício 2.1. Todos os esqueletos seguem a pronúncia geral do Brasil.

palavra	esqueleto	comentário
hora	r	o <i>h</i> não soa
filho	f · lh	o <i>lh</i> é um só som
banho	b · nh	o <i>nh</i> é um só som
leite	l · tch	o <i>ei</i> é ditongo, só vogais; o <i>t</i> antes do <i>e</i> que soa <i>i</i> vira <i>tch</i> (em Portugal: l · t)
carro	k · rr	o <i>rr</i> é um só som
sal	s	o <i>l</i> final soa <i>u</i> : é vogal (em Portugal: s · l)
também	t · b	o <i>m</i> só nasaliza a vogal
táxi	t · k · s	o <i>x</i> soa <i>ks</i>

Capítulo 3

Exercício 3.1.

palavra	esqueleto	código
mãe	m	M (o <i>ãe</i> é só vogal)
mesa	m · z	M · Σ (o <i>s</i> entre vogais soa <i>z</i>)
pedra	p · d · r	Φ · Θ · Λ
chave	ch · v	Σ · Φ
lâmpada	l · p · d	Λ · Φ · Θ (o <i>m</i> dorme na vogal nasal)
ninho	n · nh	Ξ · Ξ

Compare *lâmpada* com o inglês *lamp*: em inglês o *m* se pronuncia, e o esqueleto fica l · m · p, Λ · M · Φ. Uma palavra parecida no papel,

dois ossos diferentes na boca.

Exercício 3.2.

palavra	como soa	esqueleto	classes
mother	o <i>th</i> com a língua entre os dentes	m · th · r (Estados Unidos) / m · th (Inglaterra)	M · Θ · Λ / M · Θ
think	o <i>th</i> com a língua entre os dentes, depois <i>ink</i>	th · ng · k	Θ · Ξ · X
house	<i>ráus</i> , com um <i>h</i> aspirado	h · s	X · Σ
water	o <i>w</i> arredonda os lábios, depois <i>ter</i>	w · t · r (Estados Unidos)	Φ · Θ · Λ
knife	<i>náif</i>	n · f	Ξ · Φ (o <i>k</i> é mudo)
yes	<i>iés</i>	(y) · s	caso limite + Σ

A armadilha de *house*: o *h* se pronuncia! Em português ele é sempre mudo, mas em inglês conta, e é X. Soa quase como o seu *rr* de *carro*.

Capítulo 4

Exercício 4.1. Os pares com o mesmo núcleo em ordem inversa são:

uma	outra	códigos
pata	tapa	$\Phi \cdot \Theta$ e $\Theta \cdot \Phi$
mala	lama	$M \cdot \Lambda$ e $\Lambda \cdot M$
saco	caso	$\Sigma \cdot X$ e $X \cdot \Sigma$
cama	maca	$X \cdot M$ e $M \cdot X$

A pegadinha está em *caso*: o *s* entre vogais soa *z*, mas continua sendo Σ .

Nenhum destes pares é parente. *Pata* vem de uma forma reconstruída, **patta*, e *tapa* é de origem germânica. *Mala* vem do francês *malle*, que vem do frâncico; *lama* vem do latim *lāma*, “pântano”. *Saco* vem do latim *saccus*, e *caso*, de *cāsus*. *Cama* vem do latim tardio *cama*, e *maca* chegou pelo espanhol *hamaca*, que vem do taíno. São inversões de jogo, boas para treinar o olho.

Capítulo 5

Exercício 5.1.

par	grupo	por quê
três / three	(a) coderivados com o mesmo sentido	os dois vêm da mesma palavra protoindo-europeia
atualmente / actually	(b) coderivados que mudaram de sentido	os dois vêm do latim (<i>actualis</i>); em inglês, <i>actually</i> quer dizer “na verdade”
tomate / tomato	(c) empréstimo	o espanhol o tomou do náhuatl <i>tomatl</i> , e o português e o inglês o tomaram do espanhol
noite / night	(a) coderivados com o mesmo sentido	os dois vêm da mesma palavra protoindo-europeia
puxar / push	(b) coderivados que mudaram de sentido	os dois vêm do latim <i>pulsāre</i> (o inglês, pelo francês <i>pousser</i>); mas <i>push</i> quer dizer “empurrar”, e <i>puxar</i> em inglês é <i>pull</i> : significam o contrário
chocolate / chocolate	(c) empréstimo	vem do náhuatl <i>chocolātl</i> , pelo espanhol

Capítulo 6

Exercício 6.1. *Filho* em espanhol é *hijo*, e *ferro* é *hierro*: o *f* latino que o português guardou, o espanhol perdeu, e só sobrou o *h* mudo. *Chave* em italiano é *chiave*: as duas vêm do latim *clāvis*; o português transfor-

mou o *cl* em *ch*, e o italiano, em *chi*.

Exercício 6.2. Pela lei de Grimm: *pé* → *foot*, *dente* → *tooth*, *corvo* → *horn*. O coderivado culto **inglês** de *foot* que você quase conhece é **pedestrian** (“pedestre”), do latim *pedester*, que vem de *pes*, “pé”. Se você procurar outras palavras inglesas com *ped-* (como *pedal*), talvez encontre mais primos de *foot*, mas confira cada uma.

Capítulo 8

Exercício 8.1. Para o inglês *feast*: **fešta**, do latim *fēsta*; o inglês *feast* é da mesma família. Para o espanhol *hierro*: **ferro**, do latim *ferrum*. Onde o espanhol tem um *h* mudo, o português guarda o *f*.

Capítulo 9

Exercício 9.1. As três palavras vêm do tupi:

português	tupi
jacaré	îakaré
capivara	kapibara
tatu	tatu

Tatu não mudou nada; *kapibara* e *capivara* só trocaram o *b* pelo *v*, e as duas são Φ .

O tupi é, para o português do Brasil, o que o náhuatl é para o espanhol do México. E um cuidado: nem toda palavra que “parece tupi” tem origem conhecida. A de *abacaxi* e a de *pipoca* são incertas; costuma-se repetir que *pipoca* é tupi, mas a palavra tupi não está atestada. Diga só o que o dicionário sustenta.

Anexo C. Glossário

Entre parênteses, o capítulo onde o termo aparece pela primeira vez.

Afixo (2). Peça que se cola à raiz para mudar sua função: um prefixo vem antes (*re-*, *des-*), um sufixo vem depois (*-ção*, *-mente*).

Apofenia (12). Tendência a ver conexões ou figuras onde elas não existem. É o motor da criatividade e dos erros ao mesmo tempo.

Apropriação (11). O trabalho de tornar sua uma língua que chega de fora. Acontece com a primeira língua e volta a acontecer com cada língua nova.

Caso em aberto (12). Relação que se vê e se pode conferir, mas que ninguém explicou por completo ainda, como a semelhança entre *mucho* e *much*. Não se transforma num parentesco que não existe, nem se despacha como “puro acaso”.

Caso limite (3). Som que está no limite entre duas categorias, como o *y* do inglês *yes* ou o *ll* e o *y* do espanhol do México. Anota-se sem classificá-lo à força.

Classe (3). Cada uma das sete regiões da boca com sua sensação própria: Φ , Θ , X , Σ , Λ , M , Ξ . Uma classe sozinha não significa nada. Também se chamam classes OAS.

Coderivado (5). Palavra que descende de uma fonte comum com outra. Muitas vezes conserva seu código, mas nem sempre: o caminho pode gastá-lo (o espanhol *hijo*, do latim *filius*, perdeu o *f*). Os linguistas dizem *cognato*.

Código (4). Sequência de duas ou três classes, na ordem, tirada do esqueleto da raiz de uma palavra. Um código orienta um campo de sentido; não o define.

Convergência (12). Relação entre duas palavras de histórias diferentes que chegam ao mesmo código e ao mesmo campo de sentido, como *mucho* e *much*. Não é parentesco, mas é um dado; sua explicação continua em aberto.

Correspondência (6). Regra pela qual um som de uma língua aparece como outro som numa língua aparentada: onde o latim tem *p*, o inglês tem *f*.

Cualo (13). Na metafísica cuálica, a unidade mínima do aparecer vivido, anterior às palavras. Não se pode medir; só se conhecem suas marcas.

Empréstimo (5). Palavra que uma língua toma pronta de outra, como *tomate*, do náhuatl pelo espanhol.

Endolinguagem (1). A organização profunda de uma língua, por baixo do que ela diz: códigos, ritmos, padrões que não se veem.

Endolinguística (1). Disciplina que estuda o que as línguas levam por dentro. Foi fundada pela Dra. Christiane S. Meulemans e pelo Dr. José Ángel Elias Fernández y Cuevas.

Endorritmo (10). O ritmo interior de uma pessoa: o jeito de andar no tempo de onde saem todos os seus ritmos ao falar. Forma-se antes das palavras e se nota no sotaque.

Esqueleto (2). As consoantes de uma palavra, na ordem, tal como soam.

Etimologia popular (12). Mudança de uma palavra porque seus falantes acreditaram ver nela uma conexão que ela não tinha, como o

inglês *crayfish*.

Exolinguagem (1). A língua tal como aparece: as palavras que se ouvem, a gramática, a ortografia.

Falso amigo (5). Palavra de outra língua que se parece com uma sua, mas não significa o mesmo; também se diz *falso cognato*. Pode ser um parente que mudou de sentido ou um desconhecido que só se parece.

Frase-ponte (8). Frase da sua língua dobrada para se alinhar com outra, usando palavras reais da sua língua.

Habência (13). Palavra do filósofo mexicano Agustín Basave Fernández del Valle (em espanhol, *habencia*) para o “há” originário, anterior a qualquer medida ou nome.

Inconsciente compartilhado (13). O que os falantes de um macrosistema compartilham sem saber. Não é universal: é relativo a cada família de línguas.

Inversão (4). Mudança de ordem de um código que conserva seu núcleo: $\Theta \cdot \Lambda$ e $\Lambda \cdot \Theta$.

Lei de Grimm (6). Conjunto de mudanças em cadeia das consoantes das línguas germânicas, descrito por Jacob Grimm em 1822.

Limiar (11). Lugar de passagem entre dois estados. O limiar fônico é a passagem entre o pensamento e o som.

Língua tonal (10). Língua em que a altura da voz faz parte da palavra, como o chinês mandarim ou o zapoteco.

Logos (13). A palavra, o conceito, a razão. Na metafísica cuálica, chega depois da experiência.

Macrossistema (9). Uma grande família de línguas vista como sistema: o indo-europeu, o semítico, o uto-asteca. Os macrossistemas não

se misturam numa mesma comparação.

Micromusicalidade (10). Os detalhes mais finos da voz: tremores, pausas, tensões. Levam boa parte do que uma pessoa sente.

Núcleo (4). O conjunto de classes de um código, sem importar a ordem: $\{\Theta, \Lambda\}$.

OAS (3). Sigla em inglês de *Originating Affective Sounds*, “sons afetivos originários”: o nome das sete classes.

Ponto de acesso (8). Palavra sua, às vezes menos usada, que é co-derivada de uma palavra do idioma que você aprende: *padre* para o inglês *father*.

Protoindo-europeu (1). A língua reconstruída da qual descendem as línguas indo-europeias. Não deixou nenhum documento escrito.

Psicofonologia (10). Estudo do som da linguagem em três planos ao mesmo tempo: estrutura, música e mente.

Qualidade (13). O que uma experiência é tal como se vive, e que nenhum número esgota: o vermelho tal como você o vê, o sabor de uma manga.

Raiz (2). A peça de uma palavra que leva o sentido. O código se tira da raiz.

Registros do sentido (12). Três maneiras pelas quais uma conexão entre palavras pode existir: sentido achado (a história o garante), construído (uma interpretação declarada) ou projetado (uma afirmação sem sustentação: apofenia).

Retirar o andaime (8). Testar se você lembra de algo sem a ajuda com que o aprendeu, para saber se houve aprendizado real ou só sugestão.

Tonogênese (10). Nascimento de um tom quando uma língua

perde uma consoante e a diferença que ela marcava passa para a melodia da vogal.

Zona de Meulemans (11). Região do hemisfério direito do cérebro onde, segundo uma hipótese desta tradição, seriam processados os códigos, o ritmo e a melodia da fala.

Anexo D. Para continuar

Ferramentas para conferir

O mais importante que você leva deste manual é o hábito de conferir. Estas ferramentas são gratuitas e servem justamente para isso.

- **Wikcionário** (pt.wiktionary.org) e **Wiktionary** em inglês (en.wiktionary.org). Dicionários colaborativos com etimologias, pronúncias e áudio em muitíssimas línguas. Por serem colaborativos, convém compará-los com outra fonte.
- **Online Etymology Dictionary**, em etymonline.com. Em inglês. Explica de onde vem cada palavra inglesa, quase sempre com seus parentes em outras línguas: um bom companheiro para a sua aula de inglês.
- **Diccionario de la lengua española**, da Real Academia Española e da Associação de Academias da Língua Espanhola, em dle.rae.es. Para quando você estiver aprendendo espanhol: no começo de cada verbete, diz de onde vem a palavra.
- **IE-CoR** (iecor.clld.org). A base de dados de especialistas de onde saem as porcentagens do capítulo 7. É técnica, mas você pode procurar um conceito e ver como ele se diz em mais de 150 línguas indo-europeias, e quais formas são coderivadas entre si.

Se quiser ler mais

- O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Um clássico, com a origem de cada palavra. Para quando você quiser saber de onde vem uma palavra com mais detalhe do que um dicionário comum oferece.
- Alejandro Toledo Martínez, *Teoría de la Endolingüística: Fundamentos y Aplicaciones*. Editorial ELADEM, 2025. A exposição completa da disciplina, para quando este manual ficar pequeno para você. Em espanhol.
- Alejandro Toledo Martínez, *El lenguaje antes de las palabras (A linguagem antes das palavras)*. Sobre o inconsciente compartilhado e o que a linguagem organiza antes de pensarmos nela. Em espanhol.
- Alejandro Toledo Martínez, *Psychophonology: The Musical Architecture of Embodied Thought*. Em inglês. A psicofonologia completa: as vogais, o ritmo, o endorritmo, o limiar.
- Alejandro Toledo Martínez, *Metafísica cuálica*. Para a parte filosófica do capítulo 13. Em espanhol.

Para conhecer mais

Se este manual deixou você com vontade de mais, há dois lugares aonde você pode ir:

- www.endolinguistics.science — o site da endolinguística: a disciplina, seus textos e suas pesquisas.

- www.independentbooks.site — onde se encontram os livros da série: *Teoría de la Endolingüística*, *El lenguaje antes de las palabras*, *Psychophonology*, *Metafísica cuálica* e outros.

Uma sugestão para o grupo

Se você está lendo isto numa aula, com um grupo, há um exercício que funciona muito bem. Cada pessoa escolhe uma palavra da sua casa: uma que a avó usa, uma da sua cidade ou da sua região, uma que só se diz na sua família. Tira dela o esqueleto e o código. Depois, todos juntos, procuram a história dela num dicionário etimológico. Algumas vão vir do latim, outras do árabe, outras do tupi, outras do náhuatl pelo espanhol, outras de línguas africanas, outras de línguas que as famílias de vocês trouxeram, e outras de quem sabe onde. No fim, desenhem no quadro o mapa de onde vêm as palavras do grupo. É um mapa de vocês.